



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

SARAH BEATRIZ OLIVEIRA MELÉM

“Texto falado ouvido visto”: Literatura Infantil Moçambicana a partir da análise da coleção Contos de Moçambique – Editora Kapulana

**Santarém – Pará
2025**

SARAH BEATRIZ OLIVEIRA MELÉM

“Texto falado ouvido visto”: Literatura Infantil Moçambicana a partir da análise da coleção Contos de Moçambique – Editora Kapulana

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras – Português, da Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciência de Educação, como requisito para obtenção do grau de licenciada.

Orientador: Luiz Fernando de França.

**Santarém – Pará
2025**

AGRADECIMENTOS

À Deus, por todo amor, cuidado e pelas oportunidades ao longo de toda a minha existência. Obrigada por ser a minha base e calmaria nos momentos difíceis.

À minha família, Lucia, Luíz Carlos e meu irmão Luís Vitor. Sou imensamente grata por sempre apoiarem meus estudos, por serem o meu refúgio e por tanto amor. Agradeço por todos os sacrifícios que vocês fizeram para tornar realidade o sonho da minha formação.

Também destaco meus avôs: Tereza, Carlos e Marcelino. E meu querido tio Dico. Agradeço pelo amor, pelas orações e por entenderem meus sacrifícios e ausências. À tia Lúcia por ser uma segunda mãe, obrigada pelo cuidado, incentivo e amor. Ainda no âmbito familiar, agradeço ao meu amado Dhemeson. Sua alegria, leveza e nossas conversas foram fundamentais nesse processo. Obrigada pelo amor, apoio e incentivo no decorrer de toda a minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador, Luiz Fernando de França, por todos os ensinamentos e experiências ao longo desses cinco anos trabalhando juntos. Obrigada pelo acolhimento e paciência no decorrer das orientações. O professor sempre foi minha referência nos estudos literários africanos, por isso tenho enorme gratidão pelo trabalho desenvolvido.

Ao Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-amazônica e Quilombola (AFROLIQ), especialmente, a Luane, Leila, Beatriz, Dalva, Cleudete e Ranney pelo acolhimento, afeto e respeito ao longo da minha formação, espero que nossas intelectualidades continuem revolucionando a educação brasileira.

À minha amiga Débora Imbiriba, foi minha parceira ao longo dos projetos e trabalhos. Obrigada pelos ensinamentos, mas, principalmente, pela companhia.

À turma de letras 2020, por toda ajuda ao longo desses anos. Na turma aprendi muito não só sobre a profissão, mas sobre valores também, pois são pessoas brilhantes e excelentes profissionais.

À Universidade Federal do Oeste do Pará, por existir e ser essa possibilidade de realização de sonhos. Agradeço por todas as oportunidades experienciadas nessa instituição.

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar cinco obras da coleção *Contos de Moçambique*, da editora Kapulana, para compreender as especificidades da literatura infantil moçambicana. A pesquisa surge da necessidade de estudos nas universidades brasileiras sobre a literatura africana, em especial a infantil e infanto juvenil, aliado a ausência dessas obras nas instituições da Educação Básica e desconhecimento dos professores a respeito desse campo literário. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com destaque para os autores Napido (2018), Almeida (2019), França (2019), Cruz (2018), Garcia (2014), Rosário (1989) e Paz (2017). O trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro, discute a origem da literatura infantil moçambicana, apontamos os principais autores e obras. Além disso, apresentamos as características gerais de quatorze obras infantis moçambicanas e informações relevantes sobre os espaços de circulação dessa literatura. O segundo capítulo, descreve os caminhos percorridos da literatura infantil moçambicana no Brasil, destacamos a importância da Lei 10.639 promulgada no ano de 2003, a qual torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira nas escolas de níveis fundamentais e médios, nesse processo de consolidação dessas literaturas no país. Apresentamos as principais coleções publicadas e destacamos as editoras que se destacam no trabalho com a produção literária africana. O terceiro capítulo é dedicado a análise das seguintes obras da Coleção Contos de Moçambique: *O rei mocho*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *As armadilhas da floresta*, de Hélder Faife, *O caçador de ossos*, de Carlos dos Santos, *Leona, a filha do silêncio*, de Marcelo Panguana e *O pátio das sombras*, de Mia Couto. A leitura dos textos selecionados foi realizada com base nos elementos da narratividade: narrador, enredo, personagens, espaço, tempo, ilustração, tema e reconto. Como principais resultados apontamos que a literatura infantil moçambicana é caracterizada pela ancestralidade, memória, oralidade e identidade de Moçambique. Por meio da técnica de recontar histórias, os autores exercitam o pensar Sankofa ao recontarem narrativas da tradição oral para preservação da cultura e possibilitar um futuro para as crianças com base nos princípios ancestrais transmitidos de geração em geração.

Palavras chaves: Literatura infantil; Moçambique; Coleção Contos de Moçambique; Lei 10.639/2003.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro Papá operário mais seis histórias	12
Figura 2- Página do livro Papá operário mais seis história, representando o personagem trabalhador e os filhos.....	12
Figura 3 – Ilustração da Coleção de Autores Africanos	27
Figura 4: Ilustração dos livros da Coleção Contos de Moçambique.	35
Figura 5: Ilustração das capas dos livros da coleção Contos de Moçambique.....	38
Figura 6: Ilustração da folha de rosto do livro O Rei Mocho.	39
Figura 7: Ilustração do verso da folha de rosto, livro O Rei Mocho.	39
Figura 8: Ilustração da história do livro O Rei Mocho.....	40
Figura 9: Ilustração do glossário do livro O Rei Mocho.	40
Figura 10: Ilustração da biografia do autor e comentários sobre o livro O Rei Mocho.	41
Figura 11: Ilustração do conto na forma original.	41
Figura 12: Ilustração dos livros que compõem a coleção Contos de Moçambique.	42
Figura 13: Ilustração do personagem Sinaportar do livro O caçador de ossos.....	50
Figura 14: Ilustração do livro de Leona, a filha do silêncio.	51
Figura 15: Ilustração do livro O pátio das sombras.....	52
Figura 16: Ilustrações do livro O rei Mocho.	53
Figura 17: Ilustrações do livro As armadilhas da floresta.	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Apresentação das obras e autores da Coleção de Autores Africanos.	26
Tabela 2 – Apresentação das obras e autores da Coleção Contos de Moçambique.	34
Tabela 3 Sistematização da análise - O Rei Mocho.	57
Tabela 4 Sistematização da análise – As armadilhas da floresta.....	58
Tabela 5 Sistematização da análise – O caçador de ossos.....	58
Tabela 6 Sistematização da análise – Leona, a filha do silêncio.....	58
Tabela 7 Sistematização da análise – O pátio das sombras	59

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
INTRODUÇÃO	6
1 CAPÍTULO I – ORALIDADE E RESISTÊNCIA: CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL MOÇAMBICANA.....	8
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL MOÇAMBICANA	8
1.2 ERA UMA VEZ: A PRIMEIRA OBRA ESCRITA INFANTIL MOÇAMBICANA.....	10
1.3 PANORAMA LITERÁRIO: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA INFANTIL MOÇAMBICANA.....	14
1.3.1 Histórias de animais.....	16
1.3.2 Histórias de encantamento.....	16
1.3.3 História de costumes.....	17
1.3.4 História de origens.....	18
1.3.5 Histórias com humanização de seres inanimados	18
1.4 ENTRE PRATELEIRAS E SABERES: PRINCIPAIS ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DE TEXTO DA LITERATURA INFANTIL MOÇAMBICANA	19
1.4.1 Biblioteca Nacional de Moçambique (BNM).....	20
1.4.2 Biblioteca Pública Provincial da Zambézia	20
1.4.3 Biblioteca privada Ponto de Encontro	20
1.4.4 Arquivo Histórico de Moçambique (AHM)	20
1.4.5 Instituto Nacional do Livro e do Disco - INLD	21
2 CAPÍTULO II - TRAJETÓRIA DA LITERATURA AFRICANA NO BRASIL ..	23
2.1 PRIMEIRAS OBRAS AFRICANAS NO BRASIL	23
2.2 PRIMEIRO PROJETO LITERÁRIO AFRICANO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO	25
2.3 A LEI 10.639/2003 E A LITERATURA AFRICANA.....	29
2.4 PANORAMAS DAS OBRAS PUBLICADAS NO BRASIL	31
2.5 EDITORA KAPULANA.....	33
3 CAPÍTULO III – SANKOFA, TRADIÇÃO E ORALIDADE: DESVENDANDO AS VOZES DE MOÇAMBIQUE.....	37
3.1 AUSÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL AFRICANA E A LEI 10.639/2003.....	37
3.2 COMPOSIÇÃO ESTRUTURAL DOS LIVROS DA COLEÇÃO CONTOS DE MOÇAMBIQUE.....	39
3.3 NARRADOR	42
3.4 ENREDO	43
3.5 PERSONAGENS	45
3.6 ESPAÇO	46
3.7 TEMPO	47
3.8 ELEMENTOS TEMÁTICOS.....	48
3.9 ILUSTRAÇÃO	49
3.10 TÉCNICA DE CONTAÇÃO.....	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
5 REFERÊNCIA	63
ANEXO A – QUADRO DE AUTORES E OBRAS MOÇAMBICANAS	66

INTRODUÇÃO

A história do Brasil é composta pela contribuição de diferentes raças, com destaque para os negros, indígenas e brancos. Entretanto, na prática, o país não valoriza essas diferenças, concebendo historicamente a raça branca como dominante, resultando em desigualdades econômicas e sociais para as populações marginalizadas. A engenharia estrutural dessa hierarquização de raças está ligada a concepção do conceito de racismo, o qual postula a hierarquia de raças superiores e raças inferiores.

Esse processo ideológico se configura, na sociedade brasileira, como uma regra ainda operante, especialmente no que se refere ao seu funcionamento estrutural, institucional e individual, de acordo com as ponderações de Almeida (2019). Assim, ao longo da história brasileira, a cultura, os saberes e as contribuições dos povos africanos foram sistematicamente silenciados.

Nesse sentido, esta pesquisa é resultado da minha trajetória pessoal e acadêmica, por isso, cabe destacar, os caminhos trilhados até aqui, para compreensão do presente trabalho. Sou da cidade de Monte Alegre – PA, minha infância foi marcada pelas brincadeiras no quintal dos meus avôs, cercada de primos e amigos, sem a presença da literatura, situação imposta pelas condições econômicas da família na época. Apesar dessa ausência, meus pais sempre me incentivaram nos caminhos dos estudos. Os livros de casa eram os materiais didáticos distribuídos nas escolas.

Com muitos esforços, iniciei os estudos na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), em Santarém-PA, lugar em que encontrei o Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-amazônica e Quilombola (AFROLIQ), no decorrer da disciplina “Educação para as relações raciais”, ministrada pelo professor Luiz Fernando de França.

Ao participar das discussões do grupo, foi possível refletir sobre conceitos básicos para um letramento racial e despertou em mim o forte desejo de contribuir para uma educação afrocentrada e antirracista. No AFROLIQ, desenvolvemos o *Projeto Kiriku: educação para as relações raciais e literatura infantil antirracista nos CMEIS, do município de Santarém-PA*. No projeto, tive o primeiro contato com as literaturas antirracistas, em especial as africanas. Ao longo do Projeto Kiriku constatamos a ausência das literaturas negras, africanas, indígenas e quilombolas. Os professores, das instituições pesquisadas, também não conheciam as literaturas antirracistas.

Essa ausência literária, aliada ao desconhecimento dos profissionais da educação, influenciam diretamente na efetivação da Lei 10.639/2003, uma vez que as escolas apresentam em seus acervos apenas livros com autorias brancas, desse modo, silenciam a cultura e os saberes das populações negras, africanas, indígenas e quilombolas. Além disso, os baixos números de trabalhos desenvolvidos nas universidades sobre as literaturas africanas influenciam diretamente nesse desconhecimento dos professores e cidadãos de forma geral.

Nesse sentido, o presente trabalho visa analisar cinco obras da *Coleção Contos de Moçambique*, para compreender as especificidades da literatura infantil moçambicana. Nos objetivos específicos temos: a) entender o percurso da literatura infantil moçambicana: período, autores e obras. b) apontar os caminhos dessa literatura no Brasil, por fim, c) sistematizar os elementos estéticos, narrativos e ilustrativos dos contos: *Leona, a filha do silêncio*, *O Rei Mocho*, *O caçador de ossos*, *As armadilhas da floresta* e *O pátio das sombras*.

A metodologia foi desenvolvida com base na pesquisa bibliográfica e análise das obras. A coleção faz parte do acervo do Projeto Kiriku disponível na Afroteca Willivane Mello. O trabalho foi estruturado em três capítulos: o primeiro trata sobre a origem da literatura infantil moçambicana, principais autores e obras. Nessa seção, também apresentamos os apontamentos sobre as características gerais e informações referentes aos lugares em que essas obras transitam.

O segundo capítulo apresenta os caminhos da Literatura infantil moçambicana no Brasil, evidenciamos duas coleções importantes para a estruturação e ampliação dessas obras, além de evidenciar as principais editoras que trabalham com as literaturas africanas no país. O terceiro capítulo, por sua vez, discute a análise das obras da *Coleção Contos de Moçambique*, com base nos elementos: narrador, enredo, personagens, espaço, tempo, ilustração, tema e reconto. Por fim, temos as considerações finais.

É importante destacar como a literatura infantil moçambicana está inserida no movimento Sankofa, por meio da técnica do reconto utilizada por autores que retornam às histórias da tradição oral para ressignificar o presente e construir um futuro, pautado nos princípios transmitidos de geração em geração por meio das narrativas. Nesse sentido, o título deste trabalho exercita esse pensar Sankofa. O trecho “texto falado ouvido visto” foi construído por Manuel Rui durante um evento em São Paulo; no ensaio, o autor conceitua o texto oral e apresenta contribuições importantes sobre como a literatura africana reinventou a escrita a partir da sua própria identidade. Por isso, retomo o conceito de texto oral para pensar as características dessa literatura. Assim, convido o leitor a mergulhar nessa potencialidade chamada literatura infantil moçambicana.

1 CAPÍTULO I – ORALIDADE E RESISTÊNCIA: CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL MOÇAMBICANA

1.1 Contexto histórico da Literatura infantil moçambicana

A história da Literatura infantil moçambicana foi atravessada por explorações e resistências dos povos africanos, por isso percorreu um longo processo até a sua consolidação enquanto sistema literário. As explorações de riquezas naturais e territoriais são antigas e resultou em inúmeros desafios para Moçambique, no que se refere a reestruturação das esferas políticas, econômicas, educacionais e culturais. Nesse sentido, as manifestações artísticas, culturais e literárias resistiam em um terreno infrutífero.

Importante salientar que apesar das dificuldades mencionadas, a Literatura moçambicana, foi utilizada pelos autores como arma de luta no período histórico da colonização portuguesa que marcou Moçambique. As obras eram estruturadas principalmente em poesias e contos, por serem textos de tamanhos pequenos e de fácil repercussão. A escolha da forma dialogava com o objetivo de aproximação com a população para incentivar, a partir da ficção, a luta pela libertação. As temáticas flutuavam sobre diferentes temas, citamos: problemáticas causadas pela colonização portuguesa, incentivo para a população lutar por seus direitos básicos, construção da identidade moçambicana e temáticas universais dos seres humanos, como amor, medo, solidão, etc.

Permeado por esse cenário de luta e resistência dos povos africanos, a Literatura infantil moçambicana só conseguiu se desenvolver após a independência do país no ano de 1975. Cabe mencionar que os impactos desse histórico social reverberaram problemáticas na estrutura da sociedade até a contemporaneidade.

A Literatura moçambicana antes marcada por uma escrita de resistência e combate as violências impostas pela colonização, com temáticas sociais de guerra e convocação da população para luta por liberdade nacional, a partir do período de pós independência intensifica suas obras sobre a identidade moçambicana.

Nesse período, as manifestações literárias infantis escritas apresentam suas primeiras aparições, impulsionadas por fatores sociais, como a implementação de instituições de ensino para todos e instituições culturais, além de manifestações criativas individuais e coletivas que ganhavam forças sem as amarras dos colonizadores.

Cabe destacar que as instruções feitas às crianças antes do desenvolvimento da literatura infantil moçambicana escrita eram realizadas, principalmente, por meio da oralidade. Para compreender a importância da oralidade na cultura moçambicana, Hampaté Bâ (2010) afirma:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. [...] a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (BÂ, 2010, p. 03)

Segundo as contribuições de Hampaté Bâ (2010) sobre a oralidade, perceber-se que se trata de um conceito complexo. A tradição oral pode ser entendida como a ligação entre o homem e a palavra, bem como entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Assim, a própria estruturação social fundamenta-se no valor e no respeito atribuídos à palavra. Nesse sentido, a oralidade desempenha um papel central nas relações sociais, na preservação das histórias e no processo educativo.

Nesta perspectiva, as instruções das crianças eram realizadas pelas famílias, os mais velhos e os griots por meio da oralidade. Então, na cosmovisão de mundo moçambicano a oralidade também representava a manutenção e a continuidade dos conhecimentos acumulados ao longo da história, esses momentos de ensinamentos eram realizados, sobretudo, nas contações de histórias e por meio de provérbios.

As histórias de tradições orais possuem relevância na estrutura social africana, em particular, nas regiões do campo. Rosário (1989), destaca a importância das narrativas de tradições orais na sociedade africana no trecho a seguir:

As narrativas de tradição oral é o veículo fundamental de todos os valores, quer educacionais, quer sociais, quer político-religiosos, quer econômicos, quer culturais, apercebe-se mais facilmente que as narrativas são a mais importante engrenagem na transmissão desses valores. (ROSÁRIO, 1989, p. 40)

As narrativas orais, nesse sentido, são como um elo entre as gerações de uma mesma comunidade, carregadas de valores, regras e interdições fundamentais para o funcionamento da comunidade e da vida. Portanto, como destacou Rosário (1989), as histórias funcionam como um dos mais poderosos veículos de transmissão do conhecimento.

Além disso, destaca-se que a predominância da oralidade nas tradições africanas está intimamente ligada a condições materiais e históricas. Entretanto, não reforçamos a afirmativa dicotômica de que a oralidade é africana e a escrita é europeia. Esta afirmação configura-se como uma narrativa imposta pelos europeus para legitimar a “civilidade” aos povos africanos, entretanto, estudos a priori já apontavam a escrita usada na Etiópia. Segundo a crítica literária Leite (2012), existem fundamentações de estudos escritos africanos no século XIII, a autora afirma:

Tal ideia não leva em conta obviamente a aturada pesquisa que Albért Gérard realizou no seu brilhante estudo *African Languages Literatures*, onde nos revela a importância da escrita desde o século XIII, na região atualmente correspondente à Etiópia, assim como em outras áreas de África, em que a escrita com caracteres árabes teve relevo fundamental – isso para não citar também os estudos anteriores de Cheik Anta Diop, em *Nattions nègres et cultures*, onde se defende que a civilização e a escrita egípcias foram um produto e um contributo para a cultura africana. (LEITE, 2012, p. 18)

Infere-se, portanto, que a escrita não foi uma inovação apresentada pelos europeus as culturas africanas. Essa visão reducionista corrobora a ideia de levar aos africanos a civilização, porém, não podemos assinalar essa exclusividade. Assim, sem perder de vista a importância da oralidade na transmissão dos ensinamentos de valores civilizatórios, ela também foi utilizada como continuidade da herança oral nas produções escritas. Em suma, os estudos a seguir estão relacionados a consolidação da Literatura infantil moçambicana escrita.

1.2 Era uma vez: a primeira obra escrita infantil Moçambicana

Na historicidade dessa literatura a obra “Papá operário mais seis histórias”, de Orlando Mendes, publicada em 1980, cinco anos após a independência do país, estreia em Moçambique como a primeira obra da literatura infantil. Com base na pesquisa de Napito (2018), a Revista Tempo N° 521 “Fatos e Fotos” publicou uma reportagem no dia 05 de outubro de 1980, em Maputo, a qual comprova a veracidade de Orlando Mendes ser o primeiro escritor moçambicano a publicar para o público infantil. A matéria descrevia o lançamento do livro, como podemos constatar a seguir:

Centenas de crianças, na Escola Primária Unidade 31 do bairro do Hulene, em Maputo, assistiram ao lançamento do livro infantil *Papá Operário mais seis histórias* de autoria do escritor moçambicano Orlando Mendes. É o primeiro livro infantil de um escritor moçambicano e cujo lançamento é feito na presença do autor. Na cerimónia, Orlando Mendes foi alvo de manifestações de simpatia e carinho principalmente por parte dos pequenos leitores - a quem é dirigida a sua obra - o encerramento da cerimónia culminou com a venda do livro, tendo alguns exemplares sido autografados pelo autor. Num contato feito pela nossa reportagem com o INLD soubemos que só no lançamento, no bairro do Hulene, foram vendidos 230 exemplares. Esta edição já se encontra no mercado ao preço de vinte Meticais (NAPIDO, 2018, p.247)

Com base nos estudos de Napito (2018), e a constatação através de outras reportagens produzidas na década de oitenta, como a do Jornal notícias N° 18442 de 02 de outubro de 1980, em Maputo, com a seguinte manchete “Papá Operário à venda”. A partir dessas comprovações da imprensa local, podemos considerar Orlando Mendes como pai da literatura infantil moçambicana. Desse modo, a fim de compreender quem foi o moçambicano precursor dessa manifestação literária, cabe breve descrição desse autor.

Orlando Marques de Almeida Mendes, nasceu na Ilha de Moçambique em 04 de agosto de 1916 e faleceu em 1990 em Maputo. No âmbito acadêmico, foi licenciado em ciências

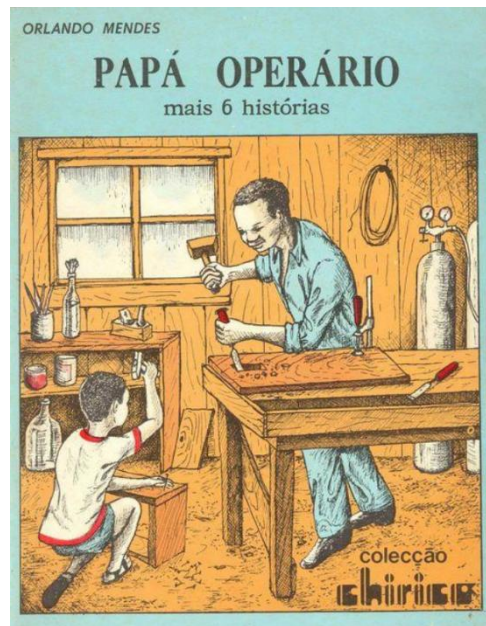
biológicas pela Universidade de Coimbra e sua escrita influenciada pelo neorrealismo, principalmente, pelo contato com renomados escritores portugueses, como José Lins Rêgo e Érico Veríssimo.

Mendes foi poeta, romancista, dramaturgo e crítico literário, dentre suas obras foram totalizados dezenove livros em diferentes países, como Portugal e Brasil. Além disso, os marcos que destacam a importância do autor para composição da literatura em Moçambique são as publicações de “Portagem”, em 1966, considerado o primeiro romance moçambicano, e “Papá operário mais seis histórias”, publicado no ano de 1980. Assim, Orlando Mendes foi de suma importância para abertura desse caminho da literatura para as infâncias moçambicanas.

A obra “Papá operário mais seis histórias”, apresenta características que refletem o contexto histórico do autor, marcado fortemente pelos aspectos político e socioeconômico de pós independência. Segundo Franzin (2021), o escritor moçambicano Orlando Mendes apresentava em sua escrita a concepção de sujeito defendia pela Frelimo e Karl Marx, baseado em suas vivências em Portugal e contato com o socialismo realista, observáveis no trecho:

A respeito de tais alegações, é verdade que dispersamente há indícios da forte influência do marxismo em toda a obra de Orlando Mendes, verificáveis com facilidade, por exemplo, até mesmo através de títulos tais como: Lume florindo na forja e Papá operário mais seis histórias – respectivamente, livro de poesia e de contos publicados em 1980, já no pós-independência – nos quais há no aparelho paratextual a clara referência à classe operária analisada com rigor por Karl Marx em seus escritos a desvelar sobejamente as arbitrariedades do capitalismo, isto é, a incidência exploratória e contínua do operariado no chão de fábrica e não só. (FRANZIN, 2021, p. 66)

A literatura e sociedade estão intrinsicamente relacionadas compondo toda a estrutura da obra, nesse período as ideologias socialistas estavam em forte ascensão e foi utilizada como mecanismo, a fim de influenciar a população moçambicana sobre o que se precisava para construção do desenvolvimento do país. Então, na obra supracitada a temática tratava sobre os ganhos proporcionados pela independência, enfatizava a importância da instrução para as crianças e jovens com o objetivo de construir uma nação promissora, destacava também os papéis desenvolvidos pelos operários, camponeses, crianças e adultos. Para além disso, o texto reforçava a defesa de valores morais como a união para reconstrução da moçambicanidade. Por fim, destacava os malefícios causados pela colonização portuguesa. Na imagem a seguir, apresentamos a capa do referido livro:

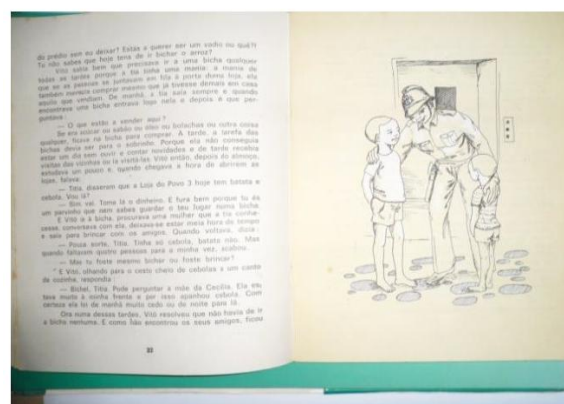


Fonte: NAPIDO, 2018, p. 246.

A ilustração da capa demonstra a ideia central da narrativa ao representar um adulto instruindo a criança sobre o trabalho de carpintaria. Realçando os valores de exemplaridade dos novos sujeitos moçambicanos e as especificidades das relações de trabalho do período vigente, isto é, nas fabricas e não apenas nos campos.

A obra apresentava na composição dos personagens representações de operários e camponeses. A seguir, podemos visualizar uma das páginas que indicam esse personagem operário da fábrica. Percebe-se também a grande quantidade de textos verbais e poucas ilustrações.

Figura 2- Página do livro Papá operário mais seis histórias, representando o personagem trabalhador e os filhos.



Fonte: NAPIDO, 2018, p. 210.

Cabe destacar que a Literatura infantil moçambicana escrita, ainda não tinha condições para sua consolidação e propagação, em decorrência do processo histórico de exploração e por atravessar um longo período de reconstrução da nação. Nesse sentido, entre os principais fatores

que contribuem para esse panorama social, destaca-se o prejuízo na esfera educacional. Napido (2022, p. 249) aponta que mais de 90% da população moçambicana era analfabeta nesse período, o que dificultava o contato com os textos infantis escritos e a formação de leitores.

Os desafios para a existência e consolidação do sistema literário perpassam por essas problemáticas sociais, além da condição socioeconomia da produção das obras, a remuneração insuficiente dos autores, sendo necessário o trabalho em outras áreas, a fim de garantir recursos para sua subsistência.

Nesse viés, o sistema de rádio possui relevância na história da literatura infantil, pois o Rádio Moçambique apresentava o programa “Meia hora da criança” com ênfase em histórias infantis com narrações simples e dramatizações. De acordo com Napido (2018), o programa teve seu início antes da independência nacional, no dia 18 de novembro de 1937 produzido por trabalhadores ligado à Universidade de Lourenço Marques e profissionais da Rádio Clube de Moçambique. A programação passou por uma interrupção por volta de 1974/1975, porém após a Independência Nacional, especificamente no ano de 1977 o programa é introduzido na programação e desde então continua a ser transmitido.

“Meia hora da criança” contava com princípios norteadores de animação, recreação e enfoque didático-pedagógico. Assim, as obras literárias infantis disseminadas através do rádio minimizam a distância existente entre a literatura infantil e os leitores infantis, uma vez que a realidade social e econômica pode ser uma das dimensões que impossibilitavam a aquisição das obras.

Além disso, pode-se compreender a dimensão da importância da divulgação das histórias infantis no rádio, pois esse meio de comunicação em Moçambique ainda se configura como a principal fonte de informação da população, de acordo com Momade Amisse (2011).

Em relação ao acesso à informação, um relatório do Banco Mundial³, apresentado em 2005, indicava que em Moçambique de cada 1.000 habitantes apenas três (3) tinham acesso a jornais; 14 tinham aparelhos de televisão; e 44 tinham rádio. Relativamente à dimensão institucional do acesso à informação, em 2009, foi publicado um artigo que denunciava a fragilidade de recursos, práticas e estruturas de informação, e a concepção excludente de políticas públicas de informação, bem como a concepção de unidades de informação apenas na sua dimensão de instituições culturais. (AMISSE, 2011, p. 18)

Nessa lógica, a população moçambicana utiliza o rádio como principal mecanismo de acesso à informação e ao apresentar a Literatura infantil em uma das suas programações, possibilita o contato eficaz da arte literária com as diferentes infâncias no território nacional. Ressalta-se a importância do programa para o público infantil e a Literatura infantil

moçambicana, como uma ferramenta de divulgação e consolidação. Além de instigar nos ouvintes a curiosidade e interesse para a leitura de outras histórias.

A seguir, para compreensão das especificidades da literatura infantil moçambicana navegaremos pelos principais autores e obras de Moçambique.

1.3 Panorama literário: principais características da Literatura infantil moçambicana

A presente sessão objetiva descrever o panorama literário dos principais autores e obras, além das características gerais da literatura infantil moçambicana. Para tal, cabe destacar o quadro elaborado por Napido (2018) sobre a emergência da literatura infantil e infantojuvenil em Moçambique. Esse quadro apresenta as publicações feitas em Moçambique no período de 1975 até 2016, é dividido em dois ciclos contendo autor, ilustrador, obra, local, editora, data e página. Além do acervo com duzentas obras no total.

O primeiro ciclo é datado do ano de 1975 até 1989, o segundo ciclo inicia-se em 1990 até o ano de 2016. O material é de suma importância por apontar as obras que já foram publicadas no país nesse período de tempo.

Cabe destacar que a literatura infantil moçambicana, no primeiro ciclo, apresentava no contexto das suas produções, eventos histórico decisivos para o futuro de Moçambique e da literatura infantil. Assim, destacamos a aparição de partidos políticos, como a FRELIMO em 1962, a independência nacional em 1975, seguido da eclosão da guerra civil em 1976 até o ano de 1992, o declínio cultural de 1987-1990, e a fundação do Instituto Nacional do Livro e do Disco – INLD, o qual controlava todas as atividades editoriais nesse momento.

A finalidade do estudo apresentado a seguir não está centrada na análise literária íntegra das obras apontadas, contudo, a partir desse panorama será possível pincelar as principais características dos textos. O quadro supracitado elaborado por Napido (2018) está nos anexos do trabalho.

O intuito inicial era comentar as características gerais das obras selecionadas do primeiro e do segundo ciclo elaborado por Napido (2018), a fim de ter uma dimensão completa da literatura estudada. Entretanto, não obtivemos sucesso na busca pelos materiais do primeiro ciclo, tendo em vista a temporalidade - a publicação das obras serem mais antigas -, número de exemplares limitados e distância entre Brasil e Moçambique. A pesquisa bibliográfica foi realizada no interior da Amazônia, em Santarém – PA, nesse sentido, as buscas na internet e bibliotecas não identificaram os textos elencados por Napido (2018). Por isso, destacaremos apenas a obra “Papá operário mais seis história” para representação do primeiro ciclo.

Desse modo, na obra “Papá operário mais seis histórias”, publicada pelo INLD, na coleção Chirico e ilustrado por Moosman, é possível observar o incentivo aos comportamentos da sociedade burguesa, tendo em vista o período pós independência, como incentivo à leitura, comer de garfo e faca, estudar na mesa, além da necessidade de filiação dos jovens às forças armadas em defesa da nação.

A indicação desses valores serem direcionados para a classe da burguesia no livro, pode ser constatada pelo cenário histórico. Os homens que trabalhavam nas fabricas e moravam nos centros urbanos eram considerados como burgueses. Na citação do diálogo entre os personagens Zeca e o menino Miguel destaca-se essa disseminação dos valores do adulto para a criança:

E tu andas na 3ª classe. Portanto estuda com vontade, porque se tu queres ser um bom operário, precisa aprender muita coisa para conheceres bem as máquinas, como é que trabalham, para que é que elas servem... (MENDES, 1980, p.6).

- Hão-de dar uma espingarda ao Chico quando ele entrar nas Forças Populares de Libertação de Moçambique (FPLM). Pronto! Amanhã começamos a fazer uma mesa de madeira forrada a folha de zinco. Aquela que nós temos está velha e já não chega para tudo: comer, vocês estudarem e eu também... Mamã cozinhar, passar a ferro, costurar vestidos, camisas, calções e tua bata azul.

- Minha bata?

- Pois! A tua bata de pequeno operário... ((NAPIDO, 2018, p.263)

No exceto, Zeca incentiva Miguel nos estudos para que tenha preparação suficiente e se torne um bom operário, indica os bons costumes como: comer à mesa de garfo e faca, usar roupas em bons estados e passadas a ferro, além de indicar e incentivar o casamento com mulheres com perfil de trabalhadora, pela citação a mãe prestava serviços de costureira.

Os valores disseminados na obra constroem o padrão ideal para o povo moçambicano, com instrução para as crianças, homens e mulheres dos caminhos que devem percorrer para ser bom e útil ao desenvolvimento da nação.

Percebe-se, assim, que a obra reflete diretamente o cenário do período de pós independência, além de preservar e atualizar os valores educacionais, políticos e econômicos da cultura moçambicana.

Na sequência, para dá continuidade ao panorama literário da literatura infantil moçambicana, destacamos o estudo das características gerais, com base em quatorze livros encontrados, os quais fazem parte do segundo ciclo de Napido (2018). O parâmetro teórico adotado foi com base na metodologia de análise utilizada por Rosário (1989), ou seja, fundamentado nos aspectos temáticos das obras, bem como os elementos estruturais do enredo.

Foi possível dividirmos em quatro grupos temáticos o acervo supracitado, sendo eles: histórias de animais, histórias de encantamentos, histórias de costumes, histórias de origens e histórias com humanização de seres inanimados. As categorias supracitadas são adotadas na

análise de Rosário (1989), o qual adotou a articulação dos aspectos morfológicos propostos por Denise Paulme e elementos temáticos segundo a proposta de Luís Cascudo da Câmara. Denise analisa e divide as classificações morfológicas em narrativas do tipo ascendentes, narrativas descendentes, narrativas cíclicas, narrativas espirais, narrativas em espelho e narrativas em ampulheta.

A pesquisa também teve como base as classificações de Luís Cascudo da Câmara, apontadas nos estudos de Rosário. O qual propõe narrativas de encantamento, caracterizadas pelo sobrenatural e mirífico. Narrativas de exemplo, em que apresentam objetivos mais doutrinários; narrativas de animais, com personagens animais com comportamentos antropomórficos. Narrativas etiológicas, explicam a origem de um aspecto, forma ou hábito de um objeto ou animal. Por fim, narrativas facécias, nas quais a manha é o aspecto principal. Além disso, uma narrativa não se enquadrara em nenhum dos grupos, sendo necessário exploração de suas particularidades de forma separada.

1.3.1 Histórias de animais

No primeiro grupo, destacamos os textos *Dia de festa* e *Ano de Sol*, ambos de Lourenço do Rosário e *As armadilhas da Floresta*, do autor Helder Faife. As obras apresentam animais como protagonistas, sendo que nas duas primeiras a figura do coelho com representação de valores, como inteligência, agilidade e astúcia. Em *As armadilhas da Floresta*, o animal que figura esses valores é o rato, o qual mesmo com estatura pequena semelhante ao coelho, com sua inteligência e esperteza consegue enganar o Leão.

Nas narrativas de expressão oral e reconto, os animais que aparecem com frequência são: coelho, macaco, hiena, cágado, cão, lebre e crocodilo. Além disso, outra característica importante é a ação contrária, isto é, as formas que os animais inteligentes -coelho e rato -, encontram para superar os desafios dos animais maiores, líderes, como o exemplo do leão.

As obras que apresentam os personagens de animais, no geral, seguem a estrutura ascendente com a situação inicial de instabilidade, seguido da perturbação com desobediência a uma ordem ou combinado feito entre os animais; depois temos a transformação com o confronto entre os personagens da história. Por fim, uma resolução geralmente se dá através da punição iminente ou punição adiada, como no texto *Dia de festa*. Na parte da situação final ocorre a reposição da situação inicial de instabilidade e perseguição.

1.3.2 Histórias de encantamento

Nas histórias de encantamento destacamos: *O pátio das sombras*, de Mia Couto, *Wazi*, de Rogério Manjante e *Na aldeia dos crocodilos*, de Adelino Timóteo, para tecer comentários das características gerais. As obras tratam sobre ancestralidade, seres místicos, protagonismo

das crianças. No caso do corpus supracitado todos eram meninos. As três narrativas iniciam com a figura do avô e o neto, mostrando a importância da ancestralidade para os indivíduos e coletividade.

Em *O pátio das sombras*, a avó ganha destaque, pois a trama envolve a capacidade da personagem avó de guardar vivo dentro da cabeça os seus filhos mortos, esses por sua vez ganham vida através dos sonhos. Além de reafirmar a natureza ancestral e respeito aos mais velhos, nessa história ela também é uma importante engrenagem na narrativa por ser o portal para possibilitar a continuidade da vida por meio dos sonhos e memória. Ela também conta esse segredo ao neto, pois ele encontrou um elemento encantado, a pulseira que o pai usava antes de falecer. Nesse sentido, ensina ao neto uma nova forma de lidar com o luto e a morte.

Na história de *Wazi*, o avô Jhapondo também desenvolve importante papel na narrativa ao ensinar Wazi a caçar e apresentar as provas que compõem a estrutura do enredo, isto é, “nunca e jamais devia comer os frutos das árvores à direita do caminho” (MANJATE, 2017, p. 07). A transgressão do personagem resulta em enormes apuros.

Por sua vez, *Na aldeia dos crocodilos*, o avô Boaventura conta ao neto Mandoguinhos sobre as histórias que afligiam a aldeia, pois povoava um espírito nas profundezas das águas chamado Zuzé: “surgia do fundo do rio, encantava as suas vítimas fazendo-as aproximar-se e levava-as depois para uma espécie de reino das catacumbas onde se juntavam milhares de pessoas prisioneiras dos crocodilos (TIMÓTEO, 2018, p. 09)”.

Nas características místicas, além de Zuzé aparecem o ser encantado chamado espírito do amor que vagava no curso do rio nas noites de lua cheia, o espírito ancestral que protegia a aldeia chamado de Mulungu “na língua sena quer dizer o mais velho antepassado daquele lugar” (TIMÓTEO, 2018, p. 01). Na obra *Wazi*, o espírito sobrenatural que participa é chamado xitukulumukhumba “bicho de um só olho, dentes enormes e com uma pança capaz de engolir uma aldeia inteira” (MANJATE, 2017, p. 35). Assim, com exemplos dos seres míticos finalizamos as características das histórias de encantamento.

1.3.3 História de costumes

O terceiro grupo temático diz respeito as histórias de costumes composto por *Leona, a filha do silêncio* e *O caçador de ossos*. A primeira narrativa trata sobre os costumes do casamento, protagonizado pela Leona. O leão ao ver que a filha não falava afirmou a todos os animais que quem fizesse ela falar casaria com a princesa e herdaria toda a fortuna.

Em *O caçador de ossos*, o costume predominante é o da caça, vista como prática honrosa ao garantir mantimentos para a aldeia e exigir habilidades como rapidez, inteligência e força. Além disso, a obra ensina sobre os valores morais, como respeito, humildade e sempre

buscar ser melhor do que si mesmo e não melhor que as outras pessoas. A estrutura do enredo das narrativas é ascendente com situação final de felicidade dos protagonistas.

1.3.4 História de origens

No quarto grupo temos a obra *O Rei Mocho*, de Ungulani Ba Ka Khosa, publicada em 2012. O livro faz parte do movimento de resgate dos contos tradicionais da oralidade e adaptada para a literatura infantil, como forma de valorização do território, história, ancestralidades e cultura dos povos moçambicanos.

A narrativa mostra o pai contando história para o filho sobre o surgimento da mentira e como os mochos só podiam sair à noite. O pai discorre sobre falta de honestidade do Rei Mocho sobre os falsos chifres, a dicotomia entre verdade e mentira e as consequências das mentiras no âmbito social, uma vez que a consequência/punição foi o afastamento dos mochos do convívio com outros pássaros. Assim, só podiam sair no período da noite.

Nesse sentido, essa história pode ser caracterizada como de origem pela temática de como surgiu a mentira e por conta da situação final de instabilidade e perseguição: “É por causa desse ato, filho, que os pesadelos e as insônias são frequentes nos homens, quando os mochos, querendo a expiação humana, se abeiram das casas e começam a piar pela noite adentro” (KHOSA, 2016, p.18).

A situação final explica o fato de como as coisas são hoje em dia. A punição da mentira dos mochos fizera eles serem animais noturnos, esses por sua vez, culpam os humanos por todo o mal causado e ficam cantando perto de suas casas.

1.3.5 Histórias com humanização de seres inanimados

No quinto grupo temático temos *A gota da água faladora* e *Dona Vassoura e dona Poeira* da autora Angelina Neves. Os textos se caracterizam por humanização de seres inanimados, por exemplo, a gota de água, vassoura, poeira, pano de pó e escova ganham vida.

Esses objetos são protagonistas das histórias e despertam a criatividade para uma nova forma de ver a vida. São obras que se passam em contextos do dia a dia, como ao fazer comida, temos como exemplo, a produção de sopa na narrativa *A gota da água faladora*, com elementos que fazem parte do universo das crianças, isto é, a gota de água faladora poderia se passar na casa de qualquer leitor e isso aproxima a história da vivência dos miúdos.

Além de conter temáticas de imaginação, lúdico e chamar atenção as coisas simples da vida. A linguagem simples contém termos africanos ressaltando que apesar da dimensão universal dos textos, como a faxina, são histórias marcadas pela cultura moçambicana com termos como “comboio”, “boleia” e “lume”. Assim, esse grupo se difere dos demais e representam uma tendência da literatura infantil moçambicana contemporânea.

A obra *O beijo da palavrinha*, do autor Mia Couto, não se enquadra nos grupos anteriores, porém merece destaque por representar a diversidade literária presente em Moçambique.

A narrativa relata a história de Maria Poerinha, uma menina com poucas condições socioeconômicas que adoece, nesse momento delicado ela recebe o cuidado e afeto da sua família, especialmente, do irmão Zeca Zonzo que, inspirado na importância que o tio Jaime Litorânio atribuía ao mar, apresenta-o a irmã.

O texto trata a temática da morte e do cuidado no final da vida, ensinando sobre a solidariedade e a importância de estar junto nesses momentos. Assim, a mãe exercia esse cuidado ao cantar músicas de ninar para a protagonista, o irmão, por outro lado, mostrou o mar a Maria Poerinha, e a família ficou perto da cama em que ela estava.

Além disso, apresenta uma linguagem poética. Também chama a atenção para a situação de pobreza da família, com os sonhos pequenos, falta de sapato e sem dinheiro para levar a menina ao hospital. O mar, por outro lado, representa as possibilidades de superação/transformação como acesso à educação e saúde. Portanto, uma obra riquíssima em ensinamentos para as infâncias.

1.4 Entre prateleiras e saberes: principais espaços de circulação de texto da Literatura infantil Moçambicana

A presente sessão trata sobre os principais espaços de circulação dessas obras a respeito da Literatura infantil moçambicana. Pontua-se à priori, a importância das bibliotecas públicas para formação e desenvolvimento do povo, com acesso à informação, educação e cultura, para além da divulgação e garantia do acesso ao conhecimento, seja por meio de livros ou tecnologias digitais.

As bibliotecas públicas de Moçambique foram de suma importância atuando como guardiãs do conhecimento escrito nos livros, entretanto, ainda encontram desafios que afastam de sua missão, a título de exemplo, destacamos as péssimas condições estruturais, recursos e formações para os funcionários.

Nesse sentido, abordaremos as principais bibliotecas públicas, privadas e editoras nas quais a literatura infantil moçambicana transita para abordagem mais precisa da pesquisa.

1.4.1 Biblioteca Nacional de Moçambique (BNM)

A Biblioteca Nacional de Moçambique foi instituída em 1961 estabelecida através do Diploma Legislativo nº 2116, de 28 de agosto de 1961. A biblioteca possui em seu acervo coleções de livros, documentos e periódicos, localizada na Avenida 25 de Setembro, Maputo, Moçambique.

O espaço possui um dos maiores acervos de obras de literatura infantil com autoria moçambicana do país. Segundo Napido (2018), os livros estão armazenados em uma sala de leitura e outros dispostos em prateleiras ou caixas fechadas.

1.4.2 Biblioteca Pública Provincial da Zambézia

As bibliotecas públicas provinciais são de ordem administrativas da Biblioteca Nacional de Moçambique (BNM) através do Diploma Ministerial Nº 103/92, de 22 de junho. No que se refere ao acervo das literaturas infantis, percebe-se que o grande quantitativo de textos é de autores estrangeiros. Sobre as obras encontradas destacam-se “*O rouxinol*, de Hans Christian Andersen; *Estrelas de ouro*, dos Irmãos Jacob e William Grimm; *Fábulas*, de La Fontaine; *O saci*, de Monteiro Lobato; *Três Contos*, de Charles Perrault: “A pele do burro; “O Barba Azul” e “Polegarzinho” (NAPIDO, 2018, p. 214).

1.4.3 Biblioteca privada Ponto de Encontro

A biblioteca privada Ponto de Encontro, localizada em Quelimane, está sob a tutela dos missionários católicos italianos e ao Centro Cultural Brasil-Moçambique. Semelhante a biblioteca provincial de Zambézia, esta possui grande parte do acervo das obras infantis de autoria europeia, sem destaque para os autores nacionais. Entre as obras destacamos: *Ti faccio a pezzetti* (2012), de Chiara Armellini; *Enquanto meu cabelo cresce* (2010), de Isabel Minhós Martins; *Meu filho, meu tesouro* (2011), de Cadão Volpeto. Há ainda os: *Os três porquinhos*; *O gato das bodas*; *A bela adormecida*; *A gata borralheira*; *A sopa de pedra*; *Branca de Neve*. (NAPIDO, 2018, p. 214).

O acervo possui um quantitativo significativo de obras com autoria europeia, com destaque para os contos de fadas tradicionais. A ausência de textos infantis com autoria moçambicana indica a dimensão da problemática para a Literatura infantil de Moçambique, no que concerne a ocupação desses espaços e sua consolidação enquanto sistema literário constituído de autor, obra e leitor.

Entretanto, o diferencial da biblioteca Ponto de Encontro são as salas de leitura e escritas específicas para as crianças, proporcionando um ambiente adequado para estudos das obras.

1.4.4 Arquivo Histórico de Moçambique (AHM)

Ao longo da história de Moçambique os arquivos históricos e documentos legislativos estavam dispersos pelos órgãos governamentais, sem tratamento especializado e uso efetivo na orientação das decisões importante para desenvolvimento do país. Nesse sentido, o arquivo histórico de Moçambique foi instituído com o objetivo de gerenciamento e preservação dos documentos de arquivos, bem como investigação, divulgação e colaboração nas elaborações de legislações sobre arquivos.

No que concerne as obras de literatura infantil, o arquivo histórico possui poucos exemplares, os quais são organizados em caixas de papelão, a respeito das obras digitalizadas não foi possível encontrar no banco de dados compartilhados com o público. Assim, constata-se que os livros infantis não estão sendo acessados pelas crianças, pois não estão armazenados em prateleiras abertas ao público. A partir disso, depende-se que as obras são utilizadas apenas para pesquisas internas. Entre os textos literários infantis Napido (2018) pontua:

Entre as obras de literatura infantil e juvenil de Moçambique encontradas no AHM algumas são traduzidas para o português e editadas pelo Instituto Nacional do Livro e do Disco, tais como, Coleção Chirico - *O Relógio Desaparecido* (1981), de Warren Sokonj, tradução de Paulo Sérgio; *O Salto e Outras Histórias* (1980), de Leon Tolstoi, tradução de Fonseca Amaral e Paulo Sérgio; *Quem está a chamar?* (1981), de Charity Waciuna, tradução de Paulo Sérgio. (NAPIDO, 2018, p. 216)

As obras encontradas são datadas anteriormente ao ano de 1990, realçando a ausência de textos atuais e disponibilização para a população moçambicana. Tendo em vista a importância do arquivo histórico na construção do memorial nacional, a partir dos escritos ao longo da história, reforça-se a necessidade de ampliação deste escasso acervo e construção de novos e prósperos horizontes para a Literatura infantil moçambicana.

1.4.5 Instituto Nacional do Livro e do Disco - INLD

O Instituto Nacional do Livro e do Disco (INLD) foi criado em 1975 através da Portaria nº 119/75, de 22 de novembro, como Direção Nacional no Ministério da Informação, pontua-se as significativas alterações estruturais e competências ao longo dos anos. Sediado em Maputo, subordinada atualmente ao Ministério da Cultura, foi de suma importância para a história da literatura moçambicana como a primeira e única editora no país criada no período da independência.

De acordo com o artigo 2 do Decreto n.º 4/91 de 3 de abril, compete ao INLD as seguintes atribuições:

- I- A promoção e regulamentação da atividade editorial do livro e publicações em série;
- II- A promoção e regulamentação da produção de discos e fitas gravadas;
- III- O licenciamento e apoio aos editores e livreiros nacionais;

- IV- O registro das edições nacionais;
- V- A organização de um setor de direitos de autor.

O INDL era responsável por atividades importantes não só na promoção de livros, mas também controlava os preços de vendas para preservação do baixo custo para os leitores, sem perder de vista os lucros para permanência do fluxo editorial. O cenário editorial começa a ganhar novas figuras importantes a partir da fundação da Associação dos escritores moçambicanos (AEMO), instituída em 13 de agosto de 1982, em Maputo.

Nesse período inicia a criação de Tempográfica e Publicação Notícias ligadas a diferentes áreas editoriais, tendo em vista os poucos recursos destinados a produção das obras era necessário evitar repetições para economia de insumos. Além disso, em 1987 iniciam no país as editoras particulares, como a Ndjira.

Assim, finalizamos a dimensão da historicidade e principais características da literatura infantil moçambicana. A seguir, vamos percorrer o processo da Literatura moçambicana no território brasileiro.

2 CAPÍTULO II - TRAJETÓRIA DA LITERATURA AFRICANA NO BRASIL

O presente capítulo objetiva apontar a trajetória da literatura infantil moçambicana no Brasil. Para tanto, apresentamos as principais publicações e coleções africanas publicadas no país. Além disso, destacamos as editoras brasileiras que se sobressaem no trabalho com as literaturas africanas.

A pesquisa elabora um panorama geral da literatura infantil de moçambicana, considerando tanto sua produção em Moçambique quanto sua recepção no Brasil, como base para análise desenvolvida no terceiro capítulo, com foco nas obras selecionadas da coleção *Contos de Moçambique*, publicada pela editora Kapulana.

2.1 Primeiras obras africanas no Brasil

A produção literária africana apresenta suas primeiras publicações à passos lentos no Brasil, a partir da década de 50, com lançamentos isolados pelas editoras, sobretudo, com traduções e obras dos cinco países africanos de língua portuguesa - Moçambique, Angola, Cabo verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe.

Pereira e Cruz (2017) destacam que *Terra Morta*, de Fernando Monteiro de Castro Soromenho (1910 –1968), foi uma das primeiras publicações africanas no Brasil. A obra foi publicada pela Casa do Estudante do Brasil em 1949. No trecho a seguir, extraído da pesquisa dos autores mencionados, é possível observar a publicação dessa obra e os lançamentos posteriores de Soromenho.

No período de 1937 a 1949, o escritor angolano Fernando Monteiro de Castro Soromenho esteve no Brasil e publicou a obra *Terra Morta*, pela Casa do Estudante do Brasil, em 1949. Com o seu retorno em 1966, lançou mais dois títulos: *A Viragem*, pela Arquimedes Edições, em 1967; e *A chaga*, pela Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, em 1970. Já o escritor cabo-verdiano Luís Romano, que viveu no Rio de Janeiro como cônsul honorário de Cabo Verde, publicou o livro *Famintos*, pela Civilização Brasileira, em 1965. (Pereira; Cruz, 2017 p.2)

Com base na biografia do livro *Terra Morta* (1945), o autor Soromenho nasceu na Zambézia em 1910, era autodidata, filho de pai português e mãe caboverdiana. O processo de vida dele possibilitou um olhar crítico diante do cenário social de Angola, pois antes de ser escritor foi empregado em uma agência de recrutamento de mão-de-obra indígena; também exerceu funções públicas de administração colonial.

Publicou seu primeiro livro em 1938, entre suas obras haviam romances, novelas, contos, viagens, estudos etnográficos e reportagens. Por questões de perseguição política

precisou se refugiar no Brasil em 1965, no país foi um dos fundadores do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo.

O romance *Terra Morta* foi uma obra importante que denunciava os males causados pela colonização portuguesa em Angola, porém não teve tanta notoriedade no país por ser um dos pioneiros da literatura africana.

Segundo os estudos de Cruz (2018), também foram publicados em 1950 os poemas de Jorge Barbosa e Tomaz Martins, nas páginas do jornal “O Estado de Santa Catarina”. Em seguida, foram publicados poemas nas edições da “Revista Sul” entre os escritores publicados destacamos os nomes de Jorge Barbosa, Orlando Mendes, Noêmia de Sousa, Viriato da Cruz e Francisco José Tenreiro.

Na década de 1970 foi possível observar um crescimento nas publicações das editoras brasileiras de obras africanas, entretanto, ainda de forma esporádica, sobretudo, traduções de textos, entre as editoras citamos: Condecri, Civilização e Nova Fronteira.

Segundo Pereira e Cruz (2017), na coleção “Romances da África” da editora Nova Fronteira eram traduzidos textos de autores africanos, entre eles constam: “Um fuzil na mão, um poema no bolso” do escritor Emamnuel Dongala, traduzido em 1974. As publicações não apresentavam repercussões significativas, pois existia até esse período um enorme desconhecimento desta literatura no Brasil.

Esse trânsito da literatura africana no Brasil apresenta como contexto o período de independência dos países africanos, então colonizados por Portugal. Além disso, se intensificam os acordos bilaterais entre Brasil e os países africanos de Língua Portuguesa. Nesse período, também se fortalecem os movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado (MNU) que combatia o racismo, lutava por direitos e a cidadania da população negra.

Além disso, os currículos dos cursos de letras não apresentavam na sua estrutura estudos sobre a cultura africana e sua literatura. De acordo com Padilha (2010), no artigo chamado *O ensino e a Crítica das Literaturas Africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento*, até a década de 70, eram priorizadas pesquisas com eixo europeu, com destaque para as literaturas portuguesas. Esse cenário começa a reverter-se à priori nos estudos humanísticos e sociais desenvolvidos por pesquisadores vinculados à Universidade de São Paulo e se estende, em seguida, a outros centros acadêmicos pelo país.

2.2 Primeiro projeto literário africano no território brasileiro

Em 1979, a editora Ática desenvolve o primeiro projeto literário das literaturas africanas no Brasil, chamado de “Coleção de Autores Africanos” (CAA), com o total de vinte e sete obras publicadas, entre os anos de 1979 a 1991. A coleção foi organizada durante a gestão de Anderson Fernandes Dias (1932-1988) e coordenada pelo professor Dr. Fernando Augusto Albuquerque Mourão (1934-2017). Apresentava como objetivo principal construir um panorama das literaturas africanas no país, com a publicação de obras de cada um dos países do continente africano.

A pesquisadora Garcia (2024) no estudo *Escritas silenciadas: o racismo editorial/sistêmico brasileiro na seleção de autoria africana e suas implicações no ensino e na pesquisa no Brasil*, destaca a importância da editora Ática na história da literatura africana no território brasileiro, não só por seu grandioso acervo dessa produção literária, como também por seu cuidado na organização dos títulos publicados, conforme o trecho a seguir:

[...] editora Ática, reconhecida como um dos maiores acervos até o ano de 2024 no mercado editorial brasileiro. Essa notoriedade deve-se não apenas ao número significativo de autores africanos presentes na obra, mas também à inclusão de diversas línguas do continente africano, à cuidadosa organização do acervo e à abrangência que vai além dos autores de países de língua oficial portuguesa. Inclui também escritores que se expressam em inglês, francês e até crioulo. Até o momento da nossa pesquisa, não encontramos no Brasil um acervo com essa magnitude que apresente autores africanos com essas especificações. (Garcia, 2024, p.52)

É possível perceber a importância da editora Ática para a consolidação das literaturas africanas no cenário editorial brasileiro por seu rico acervo. O olhar crítico da empresa ao valorizar a pluralidade de autorias africanas possibilitou aos leitores brasileiros o conhecimento sobre as diversas cosmovisões do continente africano. Além de não priorizar apenas os países de língua portuguesa, mas trazer com base nas afirmações de Garcia (2024), traduções de línguas inglesas, francesas e criolas.

Destacamos a importância da Coleção de Autores Africanos, desenvolvido pela editora Ática, por ser o primeiro projeto sistêmico das literaturas africanas no Brasil, uma vez que antes fora realizado de forma tímida e isolada pelas editoras. Além da relevante contribuição para os estudos na área, por conta do material bibliográfico desenvolvido, aliado ao incentivo aos leitores nesse novo universo literário, tendo em vista a qualidade dos elementos paratextuais, como prefácios, glossários, biografias e ilustrações. O cuidado da equipe gráfica da editora Ática com esses elementos merece destaque, visto que contribuem para a experiência positiva dos leitores com os textos.

A coletânea possibilitou, pela primeira vez no país, o lançamento de obras de autores, como Pepetela, Manuel Lopes, Chinua Achebe, Boaventura Cardoso, Nurrudin Farah, Teixeira de Sousa, Baltasar Lopes, entre outros renomados autores africanos.

No quadro a seguir, apresentamos as obras e autores na ordem cronológica de publicação. Seguido das respectivas capas ilustrativas da Coleção de Autores Africanos.

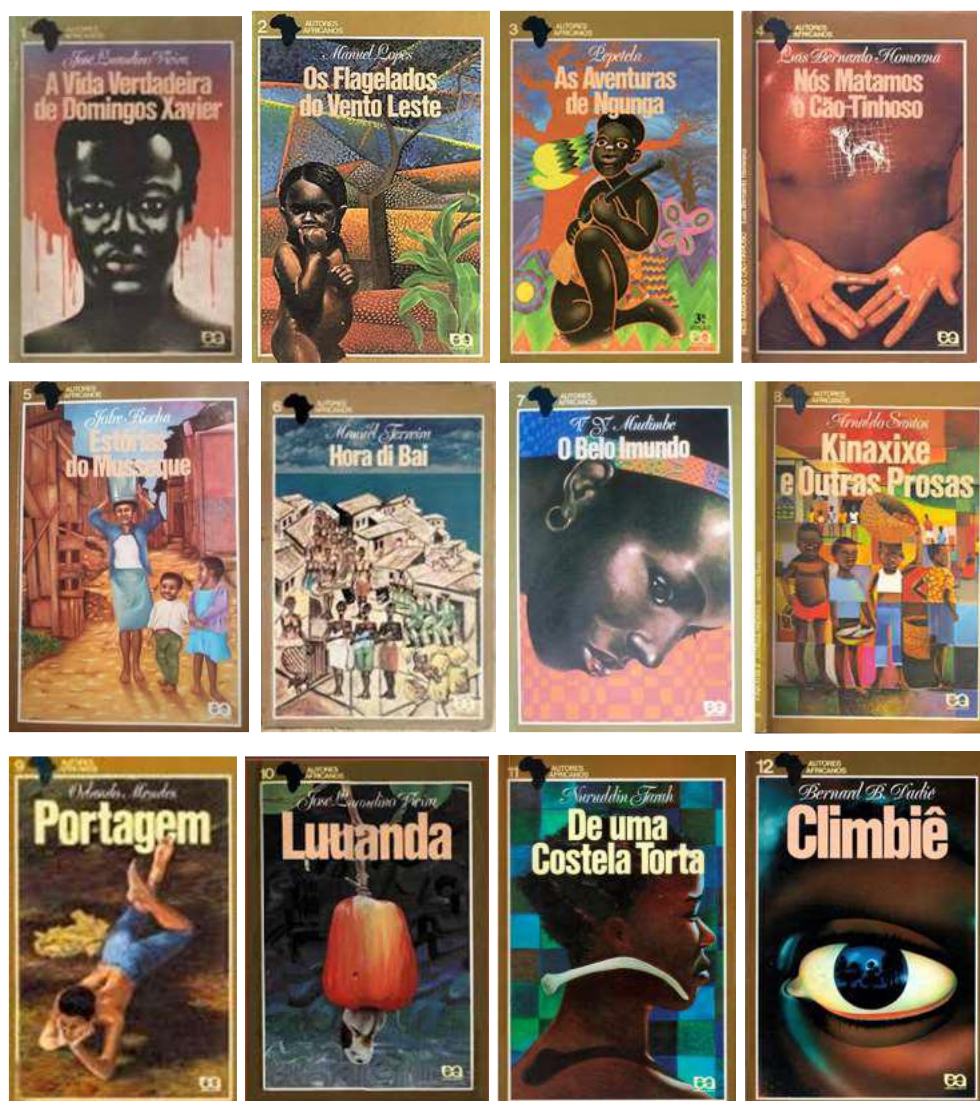
Tabela 1 – Apresentação das obras e autores da Coleção de Autores Africanos.

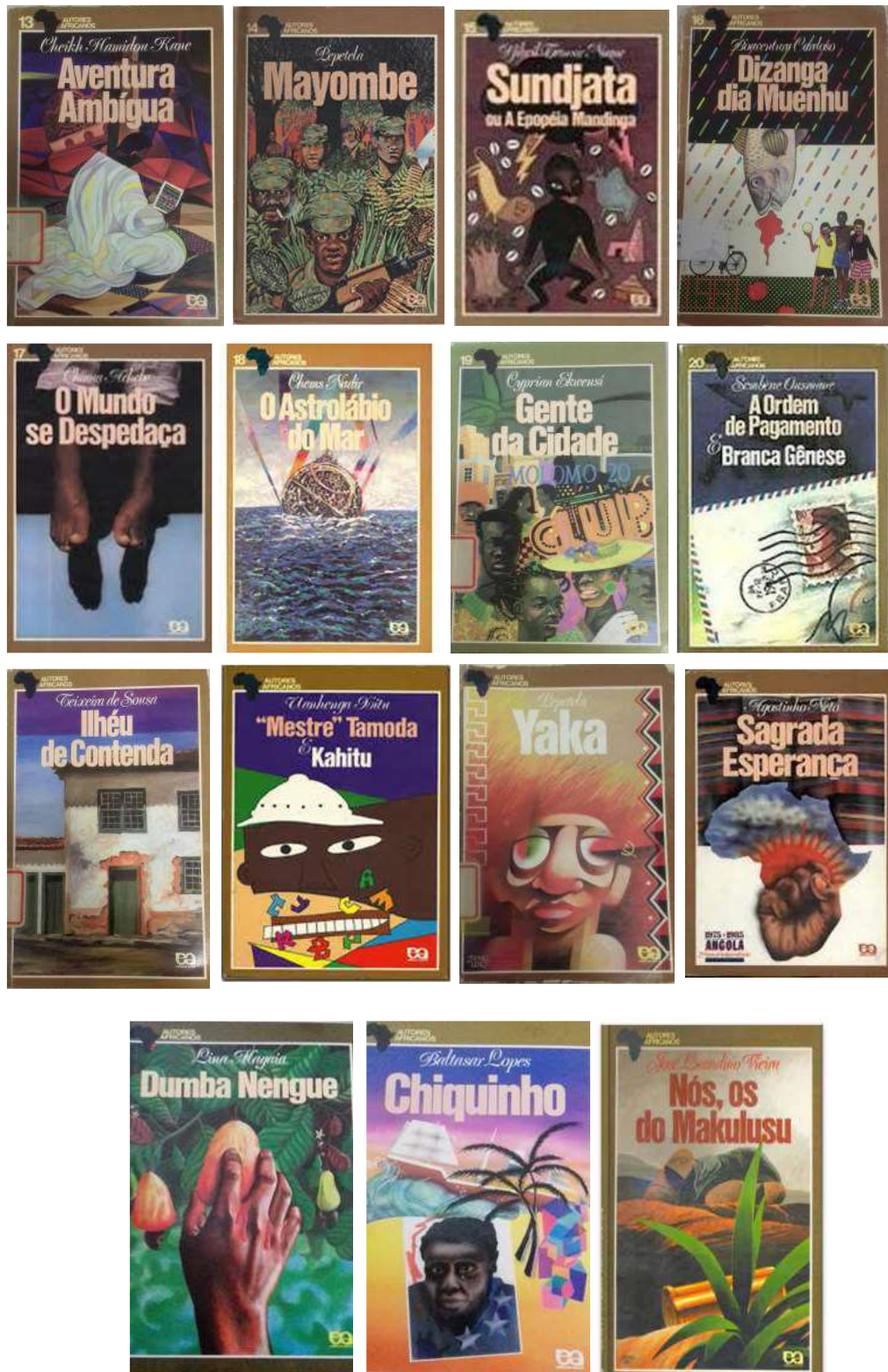
Obras	Autores
A vida verdadeira de Domingos Xavier (1979)	Luandino Vieira
Os flagelados do vento leste (1979)	Manuel Lopes
As aventuras de Ngunga (1980)	Pepetela
Nós matamos o Cão-Tinhoso (1980)	Luís B. Honwana
Estórias do musseque (1980)	Jofre Rocha
Hora di bai (1980)	Manuel Ferreira
O belo imundo (1981)	Valentin Y. Mudimbe
Kinaxixe e outras prosas (1981)	Arnaldo Santos
Portagem (1981)	Orlando Mendes
Luuanda (1982)	Luandino Vieira
De uma costela torta (1982)	Nuruddin Farah
Climbiê (1982)	Bernard B. Dadié
Aventura ambígua (1982)	Cheikh H. Kane
Mayombe (1982)	Pepetela
Sundjata ou a epopeia Mandinga (1982)	Djibril T. Niane
Dizanga dia muenhu (1982)	Boaventura Cardoso
O mundo se despedaça (1983)	Chinua Achebe
O astrolábio do mar (1983)	Chems Nadir
Gente da cidade (1983)	Cyprian Ekwensi
A ordem de pagamento e Branca gênese (1984)	Sembène Ousmane
Ilhéu de contenda (1984)	Teixeira de Sousa
“Mestre” Tamoda e Kahitu (1984)	Uanhenga Xitu

Yaka (1984)	Pepetela
Sagrada esperança (1985)	Agostinho Neto
Chiquinho (1986)	Baltasar Lopes
Dumba nengue: histórias trágicas de banditismo (1990)	Lina Magaia
Nós, os do Makulusu (1991)	Luandino Vieira

Fonte: CRUZ, Clauber Ribeiro. Na tessitura do tempo: a coleção de autores africanos. Revista do NERA/UFF, Niterói, v. 12, 2020.

Figura 3 – Ilustração da Coleção de Autores Africanos





Fonte: CRUZ, Clauber Ribeiro. Na tessitura do tempo: a coleção de autores africanos. Revista do NERA/UFF, Niterói, v. 12, 2020.

As obras dessa lista foram fundamentais para composição do sistema literário africano no território brasileiro, possibilitando uma visão ampla não só no sentido geográfico, por conta de os autores serem de diferentes países, mas também pela riqueza dos textos na representação

cultural, ancestral e ideológica, dando voz e vez a essa literatura. Entre as obras publicadas há dezesseis romances, nove coletânea de contos, uma novela e um livro de poesia: *Sagrada Esperança*, do escritor angolano Agostinho Neto.

Cabe destacar também o movimento crescente na publicação de romances presente na coleção. Inicialmente, na literatura moçambicana, a presença dos contos era predominante, por conta da herança ancestral a respeito do ato de ensinar por meio de histórias, ligado à oralidade, como também foi um instrumento poderoso no período de luta pela independência dos países africanos de língua portuguesa. Ao observar a coleção, percebemos a ampliação no desenvolvimento de romances. A prosa também se destaca em comparação com a poesia, representada apenas por um livro do total de vinte e sete.

Segundo Cruz (2020), as temáticas do acervo apresentado podem ser divididas em cinco eixo temático predominantes, isto é, 1) colonialismo, 2) problemas sociais; 3) literatura de combate, 4) aspectos linguísticos e 5) descolonização. Os temas não foram desenvolvidos de forma unilateral, mas mesclando essas temáticas resultando nessa rica diversidade.

Entre os títulos houve a predominância de representações dos sujeitos que foram colonizados como protagonistas das narrativas, desconstruindo e combatendo a ideia de que as pessoas africanas precisavam ser civilizadas. Os textos valorizavam esses personagens com inteligência, cultura e humanidade.

Infere-se, portanto, que a coleção foi de suma importância para as literaturas africanas no Brasil, proporcionando uma nova imersão literária repleta de ancestralidade, humanidade e voz a esses saberes. Cabe destacar que a formação do Brasil foi marcada pelos povos africanos e seus conhecimentos que resistiram as mais perversas formas de violência. Assim, a coleção possibilitou um acervo riquíssimo que nos ensina sobre uma nova versão histórica a respeito de África, da colonização, uma vez que antes os personagens colocados em lugares de subserviência agora ganham novas perspectivas com cuidado e protagonismo.

2.3 A Lei 10.639/2003 e a Literatura africana

Ao pensar na Lei 10.639/2003 e no panorama da literatura africana no Brasil, não podemos esquecer da contribuição daqueles que abriram e nos mostraram os caminhos, como as mulheres, homens e comunidades quilombolas que existem e resistem no Brasil. Citamos também nomes que marcaram a história brasileira, mas foram silenciados, como a grande Dandara e Zumbi dos Palmares, Luiza Mahin, Luiz Gama, Esperança Garcia, Negro Cosme, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis, assim como tantos outros nomes que lutaram e resistiram contra a sociedade racista brasileira.

Além disso, evidenciamos a importante contribuição do Movimento Negro Unificado, pois lutaram para legitimação de suas culturas, identidades e ancestralidades na sociedade brasileira.

Esses protagonistas foram de suma importância para a história do Brasil e a promulgação da Lei 10.639/2003. A lei estabelece, em seu artigo 26-A “nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.” De acordo com o inciso I, que descreve os conteúdos a serem estudados com base na lei, destaca-se a História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro na história do Brasil. Além disso, a lei inclui o dia 20 de novembro no calendário escolar, como Dia da Consciência Negra.

A Lei 10.639/2003 é o resultado de anos de luta dos povos negros para terem legitimidade sobre sua contribuição ancestral na sociedade brasileira, além de lutarem por seus direitos. A lei foi ratificada no ano de 2008 pela lei 11.645 que amplia o estudo da história, cultura e literatura dos povos indígenas.

A partir dessa lei houve um crescimento significativo nas publicações realizadas pelas editoras nacionais, impulsionadas também pela nova demanda mercadológica que contribuiu positivamente para o crescimento do acervo dos autores africanos no país. Entretanto, após vinte e dois anos da promulgação da lei o cenário ainda apresenta desafios para a efetivação dessa legislação na prática, como o desconhecimento dos professores e demais profissionais das escolas, ausência de materiais didáticos sobre a temática e desenvolvimento de atividades apenas no mês de novembro, em alusão ao dia da consciência negra.

Para além disso, essa legislação nacional possibilitou novos horizontes para a ampliação das literaturas africanas no Brasil, assim, outra coleção que merece destaque foi a chamada “Mama África”, desenvolvida pela editora Língua Geral a partir do ano de 2006. Diferente da proposta da editora Ática de abranger autores de diferentes países do continente africano, essa coletânea focava nos autores apenas dos países que apresentavam a Língua Portuguesa como idioma oficial. A intelectual Barreto (2019) destaca o objetivo da coleção:

Uma coleção que nasce com o objetivo de difundir as literaturas africanas de língua portuguesa para o público infantojuvenil no Brasil, bem como nos países de origem de publicação Angola e Moçambique e também Portugal. Cada um dos cinco livros dessa coleção resgata narrativas tradicionais africanas e nos mostra que a arte de contar histórias continua viva. (Barreto, 2019, p.29)

A coleção destaca-se pela novidade de atrair os leitores mirins brasileiros, uma vez que as obras são destinadas ao público infantojuvenil. Entre os autores apresentados estavam o

angolano José Eduardo Agualusa, um dos importantes sócios desse empreendimento editorial. Além dos escritores Pepetela, Neulson Saúte, Ondjaki e Mia Couto.

As obras que compõem o acervo são: *O homem que não podia olhar para trás*, do autor Nelson Saúte (2006); *Debaixo do arco íris não passa ninguém*, de Zetho Cunha Gonçalves (2006); *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto (2006); *O filho do vento*, de José E. Agualusa (2006); e *O leão e o coelho saltitão*, de Ondjaki (2009).

As obras não apresentavam temáticas semelhantes, mas eram unidas pela presença dos contos e provérbios que resgatavam e valorizavam a cultura africana, caracterizando os textos com uma diversidade enriquecedora. Conforme aponta Barreto (2019), os textos enfatizavam os costumes e as cantigas da povoação de Kuando-Kubango, histórias orais dos khoi-san, histórias orais de animais, como o coelho, narrativas da cultura macua com contexto de guerra, elementos da cultura tradicional de Moçambique e uma visão diferente de como a morte pode ser concebida.

Desse modo, a coleção, publicada após a Lei 10.639, direcionada aos jovens leitores foi importante para composição da história da literatura africana no Brasil por contemplar aspectos importantes da cultura africana, principalmente, dos países de língua portuguesa. Subsidiando também a área de estudo dessas literaturas, além de incentivar a concorrência entre o mercado editorial que iniciava o seu olhar para essa nova demanda.

2.4 Panoramas das obras publicadas no Brasil

Para apresentação do panorama geral dessas literaturas no Brasil, cabe citar o estudo de Paz (2017) sobre as editoras brasileiras que se destacam por tratar sobre obras africanas em seu acervo. Nesse sentido, citamos a editora Pallas, pois apresenta em seu catálogo as seguintes obras: *Kaxinjengele e o poder: uma fábula angolana*, de José Luandino Vieira (2012); *A bicicleta que tinha bigodes*, de Ondjaki (2012); *Uma escuridão bonita*, de Ondjaki (2013); *Ombela: a origem das chuvas*, de Ondjaki (2014); *Os vivos, o morto e o peixe frito*, de Ondjaki (2015); *A vassoura do ar encantado*, de Zetho Cunha Gonçalves (2015); *Há prendisajens com o xão: O segredo húmido da lesa & outras descoisas*, de Ondjaki (2015) e *O assobiador*, de Ondjaki (2017).

Na editora Pallas, é possível constatar a pouca variedade de escritores, com predominância da presença do escritor angolano Ondjaki, porém com variedade de gêneros, citamos o dramático, narrativo e poético. Além da qualidade das obras nos elementos de ilustração, informações de autores e ilustradores, e apresentação de glossários.

As editoras independentes têm se destacado, na contemporaneidade, na publicação das literaturas africanas no Brasil. Conforme Garcia (2024), as editoras *Kapulana*, *Nandyala*, *Malê*, *Penalux*, *Funilaria* e o *Grupo Companhia das Letras* que publicou autores africanos como no caso da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e Chinua Achebe. Destacamos dessa lista as editoras Nandyala e Malê por seus diferenciais no tratamento referente as literaturas negras e africanas.

A editora Nandyala apresenta como foco a afirmação de identidades, com obras, conteúdos e práticas comprometidos com os saberes ancestrais, conhecimento científico e inovação social. A Nandyala também defende ao longo de sua história a resistência antirracista e feminista, além da luta contra homofobia e pelo bem viver.

No seu acervo conta com artistas, ativistas, escritoras/es negros, africanas/os. Suas obras denominadas “afroliterárias” são direcionadas aos públicos infantis, juvenis e adultos. Percebe-se o diferencial da Nandyala no desenvolvimento das obras negras e africanas, pois seu comprometimento com a equidade no mercado editorial não está ligado apenas a seleção das obras para compor o acervo, mas na composição da estrutura da editora, com objetivos estabelecidos na defesa de uma sociedade antirracista, disruptiva, feminista e inovadora.

A partir da pesquisa, citamos as obras do acervo da editora Nandyala: *As aventuras de Ngunga* (2023), de Pepetela, *Amanhã Amadrugada* (2024), de Vera Duarte, *O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique* (2019), de Alex Dau, *Guiné – Bissau história, culturas, sociedade e literatura* (2011), de Odete Costa Semedo; *Tenta!* (2018), de Paulina Chiziane. Foi possível observar que as obras de autoria africana, presente no acervo analisado, são destinadas principalmente ao público adulto.

Outra editora que se destaca no mercado editorial brasileiro é a Malê, fundada em 2015 por Vagner Amaro, apresenta como objetivo promover a literatura e cultura negra no Brasil. A editora dá visibilidade às obras de escritores negros, afrodescendentes e africanos. O próprio nome da editora foi escolhido estrategicamente ao fazer referência à Revolta dos Malês, ocorrido em Salvador (BA), no ano de 1835.

Destacamos as obras do acervo da editora Malê: *O ventre do Atlântico* (2019), de Fatou Diome, *Copo quebrado* (2018), *Black Bazar* (2009) ambos de Alain Mabanckou, *A mulher sobressalente* (2018), de Dany Wambire e *A odisseia dos esquecidos* (2025), de Khalil Diallo. Foi possível perceber, a partir da pesquisa do acervo mencionado, que a editora dá visibilidade às obras de escritores negros, afrodescendentes e africanos. Apresenta também variedade de temas, gêneros e autores.

Além disso, no site da empresa existe uma seção chamada “autores” com foto e pequena biografia dos escritores que compõem o acervo, essa iniciativa além de valorizar as autorias, demonstra o cuidado e compromisso da editora com sua missão de promover esse campo literário.

Para além do seu acervo com obras de autores negros e africanos, a Malê incentiva a leitura da população brasileira por meio do “Prêmio Malê da literatura”. O prêmio também visa a estimulação e divulgação da produção literária e a contribuição para equidade racial no meio literário. Nesse sentido, as duas editoras são referências no trabalho com as literaturas negras e africanas, pois seus ideais possibilitam ir além do número de obras no acervo, resultando em ações inovadoras que incentivam essa produção literária

2.5 Editora Kapulana

A Editora Kapulana destaca-se como uma das principais editoras especializadas na publicação de obras africanas no Brasil. Nesse contexto, é relevante apresentar breves informações sobre essa instituição e destacar a coleção *Contos de Moçambique*, uma vez que essa coletânea constitui a base da presente pesquisa.

Kapulana foi fundada em 2012 por Rosana Moraes Weg. Apresentava como objetivo inicial atender à demanda do mercado de publicações científicas, com foco em periódicos para instituição de ensino e pesquisa. A partir de 2015, a editora ampliou seu interesse pela publicação de livros para crianças, jovens e adultos; com essa perspectiva, produziu obras de literatura africana, sobretudo, de Moçambique e Angola. Kapulana tem como principal temática a diversidade, com destaque para a inclusão social, raça, gênero, mulher, refugiados, entre outros.

Além disso, se destaca no mercado editorial por seu grande acervo voltado para as literaturas africanas, incluído obras de Angola, Moçambique, Nigéria, Portugal, Quênia e Zimbábue. Além do alto nível de qualidade dos livros produzidos por uma equipe composta de escritores, ilustradores e colaboradores.

Cabe mencionar a coletânea produzida pela editora Kapulana chamada Vozes da África, com a publicação das seguintes obras: *Viagem pelo mundo num grão de pólen e outros poemas*, de Pedro Pereira Lopes (2015); *Kalimba*, de Maria Celestina Fernandes (2015); *O sonho da lua*, de Sílvia Bragança (2015); *O jovem caçador e a velha dentuça*, de Lucílio Manjate (2016) e *Kambas para sempre*, de Maria Celestina Fernandes (2015).

A editora publicou também a coleção *Contos de Moçambique*, fruto de um projeto entre a “Escola Portuguesa de Moçambique” e a “Fundació Contes pel Món”, de Barcelona, Espanha. A coletânea objetiva apresentar ao leitor brasileiro uma amostra da arte literária de Moçambique. Além disso, é composta de dez obras com histórias recontadas por escritores e ilustradores moçambicanos. Os autores, por meio da técnica de recontar histórias da tradição oral, elaboram narrativas ricas de ensinamentos culturais, morais e sociais. Os ilustradores, por sua vez, também resgatam técnicas ilustrativas de Moçambique enriquecendo o texto e valorizando a arte, a cultura e os saberes africanos.

Apresentamos abaixo a lista das obras que compõem a coleção supracitada. Em seguida, as ilustrações na ordem de publicação.

Tabela 2 – Apresentação das obras e autores da Coleção Contos de Moçambique.

Obras	Autores
O rei mocho	Ungulani Ba Ka Khosa
As armadilhas da floresta	Hélder Faife
A viagem	Tatiana Pinto
O casamento misterioso de Mwidja	Alexandre Dunduro
Kanova e o segredo da caveira	Pedro Pereira Lopes
Wazi	Rogério Manjate
Na aldeia dos crocodilos	Adelino Timóteo
O caçador de ossos	Carlos dos Santos
Leona, a filha do silêncio	Marcelo Panguana
O pátio das sombras	Mia Couto

Fonte: Elaborado pela autora, 2015.

Figura 4: Ilustração dos livros da Coleção Contos de Moçambique.



Fonte: Elaborada pela autora, 2025. A partir das capas dos livros da coleção Contos de Moçambique.

Importante pontuar que apesar do crescimento da literatura africana no Brasil, as obras ainda flutuam sobre o desconhecimento pela população e nas escolas. Esse quadro pode estar relacionado com o racismo estrutural. De acordo com Almeida em seu livro *Racismo estrutural* (2019), esse fenômeno pode ser entendido como a decorrência da própria estrutura social, isto é, do modo “normal” da constituição das relações políticas, econômica, jurídicas e familiares. Dessa forma, é naturalizado os livros didáticos e demais literaturas serem compostas, em sua maioria, por autores brancos, além das histórias protagonizadas por personagens que reforçam a supremacia branca.

Outro processo que contribui para o desconhecimento dos brasileiros sobre a literatura africana é o epistemicídio racial. Nesse viés, a intelectual negra Sueli Carneiro (2023) destaca o processo “Epistemicídio Racial” como forma de controlar, desumanizar e exterminar as memórias e conhecimentos teóricos produzidos pela população negra, africana, quilombola e indígena. Essa forma de dominação e invisibilidade impulsiona as produções acadêmicas, livros didáticos e obras literárias serem de autorias compostas de homens brancos.

A ausência dessa literatura nos currículos possibilita a continuidade de estereótipos que materializam o racismo, como estereótipos de personagens africanos em lugares de subserviência, animalizados, descuidados, sem vivências familiares, entre outros estereótipos que reforçam os preconceitos. Infere-se, portanto, que as literaturas africanas sejam protagonizadas e a lei 10.639/2003 seja efetivada na prática, para que as crianças e jovens tenham acesso a literatura africana nas instituições de ensino.

No próximo capítulo, mergulharemos nas especificidades da literatura moçambicana, com base em cinco obras da coleção *Contos de Moçambique*.

3 CAPÍTULO III – SANKOFA, TRADIÇÃO E ORALIDADE: DESVENDANDO AS VOZES DE MOÇAMBIQUE

3.1 Ausência da Literatura infantil africana e a Lei 10.639/2003

A minha trajetória como pesquisadora das Literaturas infantis moçambicanas inicia no segundo semestre de 2021, no Grupo de Pesquisa em História, Literatura e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-amazônica e Quilombola (AFROLIQ), da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), coordenado pelo professor Luiz Fernando de França.

Nas discussões e atividades do grupo, foi possível eu ter o primeiro contato com as literaturas indígenas, quilombolas e africanas. A partir do AFROLIQ, desenvolvemos o *Projeto Kiriku: educação para as relações raciais e literatura infantil antirracista nos CMEIs do Municípios de Santarém*. O projeto constatou, a partir da pesquisa nessas instituições de ensino, práticas racistas entre as crianças e a ausência dessa literatura antirracista. Como destaca França *et al* (2024) no livro *Primeira infância e relações étnico raciais*:

nenhum dos CEMEIs visitados contava com um acervo e espaço adequado de livros infantis, jogos e brinquedos de perspectiva antirracista e afrocentrada (infelizmente para muitos profissionais os livros que levávamos para as oficinas – cerca de 50 títulos – ainda eram, em boa medida, uma novidade) (França *et al.*, 2024, p. 117).

Assim, a ausência das literaturas africanas nas escolas, aliada ao desconhecimento dos professores, tornam-se empecilhos para a efetivação da Lei 10,639/2003 e o desenvolvimento de uma educação antirracista. Além de reforçar a supremacia branca na sociedade brasileira, ao apresentar para os estudantes apenas a cosmovisão de autores brancos nessas instituições.

Na realidade brasileira, os livros presentes nas escolas, em grande parte dos casos, são as únicas fontes de leituras para as crianças, como eu que não tinha livros em casa, apenas os materiais didáticos da escola. Nesse sentido, a invisibilidade das autorias negras, indígenas, quilombolas e africanas, é perigosa, pois coopera para a reprodução de estereótipo que animalizam e inferiorizam esses povos ou até mesmo destacam nas obras esses personagens representados em lugares de subserviência.

Além disso, interfere na autoestima das crianças negras e indígenas, ao serem apresentadas sempre a um padrão criado pela branquitude, ou seja, sem representatividade. Isto posto, essa invisibilidade sistêmica também colabora para a reprodução social racista que atravessa a sociedade brasileira, como aponta Almeida (2019).

Outro fator relevante para a existência do presente trabalho, refere-se à ausência de pesquisas sobre as literaturas africanas nas universidades do país, em destaque a produção literária infantil e infanto juvenil de Moçambique. A lacuna institucional nas pesquisas dessa

área interfere diretamente no desconhecimento, dos universitários e professores da educação básica sobre as literaturas africanas.

Desse modo, a pesquisa pretende analisar as características da literatura infantil moçambicana e possibilitar novos caminhos para a Lei 10.639/2003. Para isso, no presente capítulo, desenvolvo uma leitura estética, a partir de cinco livros da coleção *Contos de Moçambique*, publicados pela editora brasileira Kapulana. Nesse sentido, destacamos: *O rei mocho*, de Ungulani Ba Ka Khosa, *As armadilhas da floresta*, Helder Faife, *O caçador de ossos*, Carlos dos Santos, *Leona, a filha do silêncio*, Marcelo Panguana e *O pátio das sombras*, Mia Couto. Nas ilustrações a seguir, apresentamos as capas dos livros mencionados.

Figura 5: Ilustração das capas dos livros da coleção Contos de Moçambique.



Fonte: Elaborada pela autora, 2025. A partir das capas dos livros da coleção Contos de Moçambique.

A análise das obras será realizada com base nos aspectos temáticos, estruturais, narrativos e ilustrativos, buscando compreender as principais recorrências dos seguintes elementos: narrador, enredo, personagens, espaço, tempo, ilustração, tema e características do reconto. Essa forma de análise está ancorada nos estudos de Rosário (1989) e França (2019). A discussão desses elementos possibilitará a compreensão inicial e a caracterização da coletânea

e, por conseguinte, da própria literatura infantil moçambicana. Ao final do estudo, será apresentado um quadro comparativo das narrativas.

3.2 Composição estrutural dos livros da coleção Contos de Moçambique

Os livros da coleção *Contos de Moçambique* são organizados de forma estratégica para incorporar à obra elementos da cultura moçambicana, com o objetivo de enriquecer a experiência do leitor com esse campo literário. Desse modo, toda as obras seguem a mesma estrutura organizacional descrita a seguir.

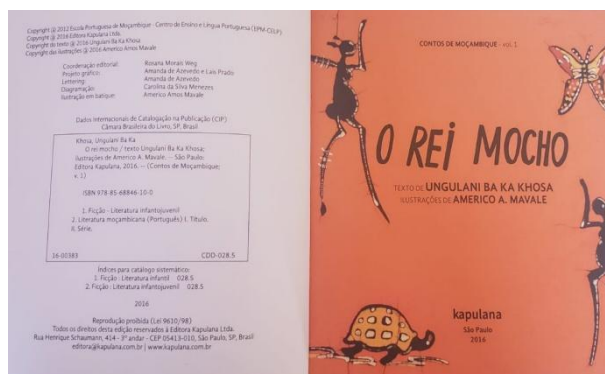
Na folha de rosto das obras são apresentados o título ao lado da ilustração. No verso da folha de rosto são expostos a ficha catalográfica. Na primeira folha repete o título, seguido das informações: nome da coleção, autor, ilustrador, editora, cidade e ano de publicação. Nas ilustrações abaixo, apresentamos a folha de rosto e o verso para exemplificação.

Figura 6: Ilustração da folha de rosto do livro O Rei Mocho.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025. A partir da coleção Contos de Moçambique.

Figura 7: Ilustração do verso da folha de rosto, livro O Rei Mocho.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025. A partir da coleção Contos de Moçambique.

Em seguida, inicia-se a segunda parte contendo a história. A seguir apresentamos a primeira página da narrativa para exemplificar.

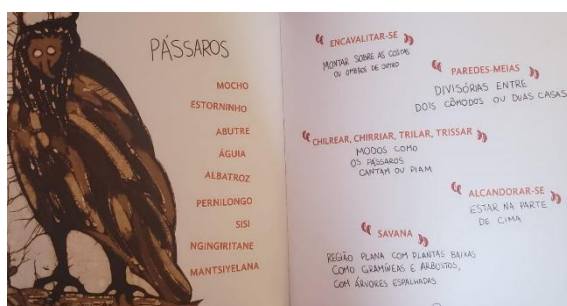
Figura 8: Ilustração da história do livro O Rei Mocho.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025. A partir da coleção Contos de Moçambique.

Na terceira parte do livro, são organizados glossários com termos utilizados e explicações da cultura moçambicana. As descrições são breves, construídas com palavras destacadas, coloridas, entre aspas e organizadas de forma aleatória na página, conferindo leveza ao glossário. O livro *O pátio das sombras* não apresentou glossário, as explicações dos termos foram colocadas ao final das páginas. Na figura abaixo, apresentamos o glossário do livro *O rei Mocho*.

Figura 9: Ilustração do glossário do livro O Rei Mocho.

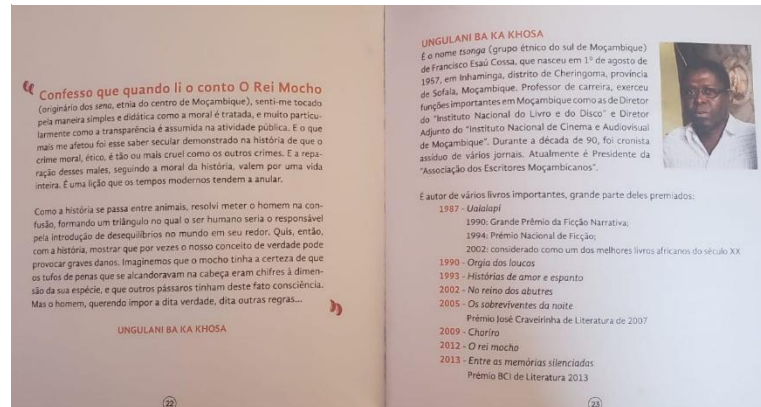


Fonte: Elaborado pela autora, 2025. A partir da coleção Contos de Moçambique.

Posteriormente, são apresentados comentários dos autores sobre a obra, contendo a ideia principal da narrativa, relato do que mais atraiu a atenção do autor na história original, as alterações realizadas e principais ensinamentos dos textos. O quinto elemento apresentado refere-se às descrições das técnicas de ilustrações, contendo informações sobre sua origem, características e curiosidades.

Depois, são apresentadas breves biografias do autor e ilustrador, contendo foto ao lado, as descrições destacam também suas principais obras. Na ilustração abaixo, temos os comentários do autor sobre o livro e em seguida a biografia do escritor.

Figura 10: Ilustração da biografia do autor e comentários sobre o livro O Rei Mocho.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025. A partir da coleção Contos de Moçambique.

Logo em seguida, temos o conto na forma original. Para finalizar, são expostos os dez livros que compõem a coleção *Contos de Moçambique*.

Figura 11: Ilustração do conto na forma original.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025. A partir do livro da coleção Contos de Moçambique.

Figura 12: Ilustração dos livros que compõem a coleção Contos de Moçambique.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025. A partir da coleção Contos de Moçambique.

A seguir, apresentamos a sistematização da análise, organizada por sessões, contendo os elementos que serviram como base analítica. Assim, teremos os seguintes tópicos: narrador, enredo, personagens, espaço, tempo, ilustração, tema e reconto.

3.3 Narrador

A voz narrativa recorrente nas obras foi a do narrador onisciente, com foco na terceira pessoa. Os narradores desenvolvem uma linguagem moçambicana com termos locais e que mesclam oralidade e escrita, observáveis em: “Os njingiratanas, pássaros pequenos e alegres, largara dos céus frutos doces e saborosos chamados mapfilos. Todos falavam. Todos cantavam. Todos contavam histórias [...]” (PANGUANA, 2018, p. 13). Esse fragmento, presente no livro *Leona, a filha do silêncio*, além de inclui termos linguísticos moçambicanos, também destaca a fragmentação dos períodos, aproximando-os da oralidade.

Além disso, as vozes dos narradores contam as histórias de forma engajada e semelhante as formas de contar dos griot africanos. Como uma dessas características, destacamos o envolvimento do público no momento da contação, evidentes na obra *O rei mocho*, no qual o pai conta a história ao filho e esse, por sua vez, faz inferências:

– Havia paz.
 -É isso, filho. Havia paz.
 - E como começou a confusão?
 - Cantemos.
 Zu, zuum, zuuum, zuum
 Sou eu teu filho, homem, mamã árvore! Sou
 eu, teu filho homem. (KHOSA, 2016, p. 09)

O trecho destaca os aspectos da tradição oral africana na transmissão de ensinamentos por meio das narrativas, que antes eram realizados de forma oralizada e agora integram a

oralidade à escrita. Nessa mesma sequência de ideias, no livro *O caçador de ossos*, é possível constatar a voz do narrador engajada na transmissão dos valores defendidos pela cultura moçambicana, como se observa a seguir: “O curandeiro, homem sábio e experiente, habituado a tratar todos os males, fossem eles dos animais ou de gente, depois de o ouvir contar aquilo que o estava a atormentar, disse:[...]” (SANTOS, 2018, p. 17).

Nesse fragmento, o narrador assume uma posição ativa que vai além a de simplesmente contar a história, mas de ensinar a partir desse lugar, com o intuito de preservação dessas virtudes, na exemplificação acima, refere-se ao respeito pelos curandeiros.

Ainda nesse livro, a voz narrativa não fica imparcial as injustiças relatadas, nesse sentido, possui posicionamento político, por exemplo, ao situar o leitor de que as atitudes de Sinaportar eram erradas: “O que ninguém sabia era que toda aquela fama que o envolvia não passava de uma grande patranha, e que quem era o grande caçador não era ele, mas sim os cães, [...]” (SANTOS, 2018, p. 09).

Segundo as ponderações de França (2019), ao analisar as narrativas angolanas e moçambicanas das décadas de 1950/60, percebemos, neste trecho, que não se trata apenas de uma focalização em que o narrador vai além da descrição e emite um juízo de valor, mas revela ao longo de toda a obra, um ponto de vista engajado, que exige uma parcialidade constante. Trata-se, portanto, de um compromisso com os princípios coletivos.

Infere-se, portanto, que as vozes narrativas são oniscientes, com foco narrativo na terceira pessoa do singular, revelam conhecimentos sobre as emoções dos personagens, sobre o passado, presente e futuro. Marcam também esses seres políticos, engajados com os valores da cultura moçambicana e com a confluência da oralidade na escrita, por meio da estratégia do reconto.

3.4 Enredo

Os enredos foram analisados com base nos estudos de Rosário (1989), principalmente as metodologias de análise da composição fabular. Assim, predominam nas obras os de tipo ascendente, de acordo com a seguinte estrutura: situação inicial de instabilidade, perturbação, sequência de transformação, resolução e situação final de felicidade.

Essa lógica foi observada nas obras *Leona, a filha do silêncio*, *O caçador de ossos*, *As armadilhas da floresta* e *O pátio das sombras*. Na obra de *Leona, a filha do silêncio* ocorre uma variação, porém ainda continua caracterizada na tipografia ascendente. Na parte da resolução, a protagonista obteve ajuda mágica: “E logo ali, misteriosamente, formou-se uma nuvem. Por detrás dessa nuvem escutaram-se palavras mágicas proferidas numa língua desconhecida.

Depois fez-se uma luz intensa que aos poucos se foi transformando num corpo, [...]” (PANGUANA, 2018, p. 15).

No excerto acima, Leona encontra o bode com chifres de ouro, do pastorinho, o qual estava dentro de uma gruta no chão da terra. Logo, a sequência ascendente pode ser compreendida da seguinte forma: situação inicial, apresentação das provas (Leão oferece a mão de Leona a quem conseguir fazê-la falar, depois, ocorre as disputas dos pretendentes tentando conquista-la), obtenção do auxílio mágico e situação final de felicidade.

Além disso, outra variação dentro do tipo ascendente foi identificada na obra *As armadilhas da floresta*. A estrutura segue a mesma das outras, porém ocorre uma alteração no segmento da situação final. Apesar de ser caracterizada como final de felicidade, ocorre uma mistura com o final de instabilidade, no que se refere ao personagem Leão: “Quando o leão conseguiu escapar do buraco da armadilha, sacudiu a poeira na juba e rugiu tão fortemente que todos os animais começaram a ficar com medo dele. A partir desse dia, não confiou em mais ninguém e decidiu comer todos os que encontrasse.” (FAIFE, 2016, p. 21).

Por sua vez, o homem passou a respeitar a natureza e ela voltou a normalidade depois da confusão, envolvendo o homem e o leão, configurando em felicidade para o homem e a natureza. Desse modo, houve uma mistura que nos permite a interpretação de novas tendências literárias moçambicanas.

Na obra *O rei mocho* o tipo de enredo pode ser classificado como descendente, seguindo a sequência:

Situação inicial

Estabilidade - “Nesses tempos primeiros, filho, os homens e os animais conviviam paredes-meias, trocando gracejos, repartindo benfeitorias, e delimitando zonas de influência”. (KHOSA, 2016, p. 09)

Degradação

Confronto - “Sem se aperceber as consequências, o homem afirmou serem falsos os chifres que os mochos acreditavam tê-los como membros distintos” (KHOSA, 2016, p. 15)

Situação final

Punição - “Os mochos, impotentes em amainar a dor e a revolta dos pássaros, retiraram-se para sempre do convívio com os outros pássaros. A noite passou a ser o domínio da sua existência.” (KHOSA, 2016, p. 18)

Dessa forma, a predominância nos enredos é do tipo ascendente, sobretudo, com final de felicidade. A variável foi o enredo descendente com final de punição para os mochos e os seres humanos.

3.5 Personagens

Os personagens das histórias podem ser classificados em dois grupos: o primeiro composto por animais, predominantes em quatro dos cinco livros analisados, só não em *O pátio das sombras*. Os animais que se destacam são: leão, rato, cães, mochos, bode e pássaros de diferentes espécies.

As narrativas em que o leão aparece são *Leona, a filha do silêncio* e *As armadilhas da floresta*. No livro, *As armadilhas da floresta*, o leão é protagonista da história. Esse personagem, em ambas as obras, simboliza poder e força. Deste modo, o leão é o responsável pelo bom desenvolvimento da floresta, cuidando do meio ambiente e dos animais do território. No trecho a seguir, podemos constatar o teor de liderança desse personagem: “Quem não gostou nada de tudo isto foi o leão, o rei da selva. Decidiu reunir em assembleia todos os animais para perceber o que se estava a passar.” (FAIFE, 2016, p.07)

O rato, por sua vez, aparece com as características semelhantes ao do personagem coelho das histórias da tradição oral, como símbolo de inteligência e esperteza. Ao lidar com os animais mais fortes, utiliza da sua expertise para se sobressair diante das situações de dificuldades, como na obra *As armadilhas da floresta* em que o rato prega uma partida no leão para salvar a mulher e o filho do homem.

Nas narrativas, os animais ganham sentimentos dos seres humanos, por exemplo, Leona do livro *Leona, a filha do silêncio*, fica muito triste com a partida do seu grande amor e usa do silêncio como resistência para não se casar com outros pretendentes. O leão também apareceu nas histórias com emoções, tal qual a raiva, “E lá foi o leão, todo zangado, procurar pelo homem.” (FAIFE, 2016, p.13).

O segundo grupo, refere-se aos seres humanos. Esses personagens aparecem em todas as narrativas estudadas. Na história, *As armadilhas da floresta*, o homem representa a ambição e destruição do meio ambiente, divide o protagonismo da história com o leão em uma disputa por território. Aparecem também a mulher e o filho, mas de forma secundária, como personagens paisagens.

No que diz respeito ao *O pátio das sombras*, a relação da avó e o neto ganham destaque. É possível constatar a figura da avó com representação de sabedoria e respeito. No livro *O rei mocho*, a relação entre pai e filho dividem a contação da história, de como os mochos viraram reis e a mentira surgiu. Por fim, *O caçador de ossos*, protagonizado por Sinaportar, um jovem caçador, apresenta características de um rapaz ambicioso, gostava de se gabar de suas belas caçadas, entretanto, na verdade quem realmente sabia caçar eram os cães herdados do pai de Sinaportar.

Dessa forma, como recorrência das personagens temos dois grupos, de um lado formado pelos animais, com características universais, como ambição, amor, raiva, entre outros. E por outro lado destacam-se os seres os seres humanos.

Esses personagens humanos representam características de pessoas comuns que compõem a sociedade de forma geral. Como as características de ambição do homem no livro *As armadilhas da floresta* e Sinaportar, protagonista do livro *O caçador de ossos*. Ao priorizar suas ambições, não se importavam com as consequências, sejam elas de destruição da natureza ou maltrato dos animais. As personagens humanas movimentam as ações da narrativa, a título de exemplo, destacamos o egoísmo de Sinaportar, que conduziu a repetição das várias tentativas de caças mal sucedidas, mesmo não alimentando os cães e não tendo resultados positivos na atividade de caça. A partir desses dados, percebe-se que os personagens de animais continuam em lugares de destaque nas literaturas infantis moçambicanas.

3.6 Espaço

Os espaços das narrativas são predominantemente no campo, ora na espacialidade da floresta, ora em aldeia. Nos livros *O rei mocho*, *As armadilhas da floresta*, *Leona, a filha do silêncio*, as narrativas são vivenciadas na floresta. Em *Leona, a filha do silêncio*, o espaço é descrito como harmonioso, bom, o melhor lugar de todos: “Era um lugar onde os pássaros inventavam maravilhosos cânticos de manhã até o sol se deitar nas lonjuras do horizonte. Um lugar melhor que todos os lugares.” (PANGUANA, 2018, p. 05).

No livro *As armadilhas da floresta*, em uma das descrições da espacialidade, são possíveis constatar a representação de uma prática comum em Moçambique, isto é, a reunião das famílias ou amigos em baixo de grandes árvores. Observáveis no fragmento: “Agruparam-se à sombra de uma grande árvore, com raízes enormes, que já nem cabiam no chão. A copa era larga e dava sombra para todos. Era ao lado de um lago para que os animais que vivem na água pudessem participar.” (FAIFE, 2016, p. 08).

Outro espaço recorrente nas histórias eram as aldeias, presentes nos livros *O caçador de ossos* e *O pátio das sombras*. Na primeira, com descrição mais detalhada, retratava a aldeia em cima de uma montanha, com floresta embaixo: “distante, entalhada na encosta verdejante duma montanha majestosa, no lado oposto àquele de onde o sol nascia.” (SANTOS, 2018, p. 05).

Em *O pátio das sombras*, a história se passa na aldeia, com pouca descrição sobre o espaço, apresenta também cenas na machamba, no poço e no pátio. O espaço do pátio ganha

destaque na obra pelo simbolismo que retrata, ou seja, representa um lugar de memória, transição e encontro precioso com os seres que já haviam falecido: “A criança adormeceu e o sonho que se abriu dentro de si era um imenso quintal onde desembarcam familiares falecidos. E cantaram, e dançaram e festejavam como se estivessem embriagados” (COUTO, 2018, p. 17). Da mesma forma que o espaço embaixo da árvore, no livro *As armadilhas na floresta*, representa esse lugar simbólico de encontro, o pátio também ganha esse significado a partir das narrativas.

O poço, por sua vez, não é descrito com detalhes: “Encontrou a avó sentada na berma que protegia a entrada do poço de onde tiravam água” (COUTO, 2018, p. 08), entretanto, é um espaço onde ocorrem situações importantes para o desenvolvimento da história, como o lugar que encontraram a avó depois que os barulhos apareceram, o menino chorou após as acusações de mentiroso (“[...] o menino se afastou e dirigiu-se para o poço. A avó sempre lhe dissera que ali, junto à água, era um bom lugar para chorar.”) (COUTO, 2018, p. 13), e foi onde a avó estava quando contou seu segredo ao neto.

3.7 Tempo

A temporalidade presente nas narrativas é cronológica, também se observou a predominância da enunciação linear. As cinco obras são organizadas com tempo cronológico, com marcas como “Numa dessas madrugadas...” (FAIFE, 2016, p. 7), “Um dia o leão e a leoa viajaram [...]” (PANGUANA, 2018, p. 7), “No dia seguinte...” (COUTO, 2018, p. 15).

Na obra *O rei mocho*, podemos constatar a temporalidade cronológica, porém a enunciação pode ser entendida como fluida entre o passado e o presente. A concepção de passado pode ser observada em diversos trechos, como “Naqueles tempos, tempos antigos, o mundo era tão pequeno e palpável que os gestos se sobrepunham à fala corrente do homem.” (KHOSA, 2016, p. 05).

É importante destacar também a interligação do passado com o presente, ao comparar os aspectos do cotidiano, como no exemplo a seguir: “E os mochos, [...]. Na época, os olhos não se abriam em demasia e nem se alongavam para as costas. As asas sim, mantinham-se como hoje, sempre disfarçadas ao longo do corpo”. (KHOSA, 2016, p. 11).

O tempo presente está inserido na obra do mesmo modo, principalmente, nos diálogos do pai e com o filho, como exemplo desse tempo, destacamos o fragmento: “[...] os mochos ainda hoje clamam pela penitência destes. É por isso que os vemos, incansavelmente, durante as noites, sobre os ramos vizinhos às casas, abrindo os intrigantes e desmesurados olhos que se fixam no rosto humano.” (KHOSA, 2016, p. 18).

Assim, constatamos que a recorrência das narrativas é tempo cronológico, com enunciação predominantemente linear. Essa forma de organização temporal dialoga com as características da literatura infantil e infanto juvenil, ao criar no livro uma lógica mais simples para entendimento dos leitores mirins. A obra, *As armadilhas da floresta*, se destaca pela quantidade de marcas temporais ao longo da história, essas construções ajudam o leitor a se situar no enredo e contribuem para o entendimento de forma geral. A temporalidade cronológica atribui a forma de contar uma progressão lógica, entendimento sobre as alterações dos personagens e clareza sobre as situações da trama.

3.8 Elementos temáticos

As temáticas das obras são variáveis, cada uma delas carrega temas diferentes atravessados pela cultura de Moçambique. No livro *O rei mocho*, os temas predominantes são os valores morais da verdade e mentira, além de honestidade, oralidade e escrita. A mentira surge quando os mochos mentem para os pássaros sobre seus chifres. A honestidade, ou a falta dela, são vistos na figura das autoridades, representadas pelos mochos. O texto propõe reflexões importantes sobre a falta de honestidade dos nossos governantes nos dias atuais.

O segundo livro, *As armadilhas da floresta*, discute temáticas como a preservação do meio ambiente, ao propor reflexões importantes sobre a maneira de nos relacionar com a natureza. Aborda a valorização das diferenças, inteligência, poder e aspectos de liderança.

No terceiro, *O caçador de ossos*, aparecem temáticas de costumes, como a caça. Trata também a individualidade, humildade, respeito e crescimento pessoal. É possível constatar que são valores essenciais para o convívio da coletividade, em harmonia e com desenvolvimento. O livro ensina sobre não querer ser melhor que as outras pessoas, mas focar no seu próprio processo e ser melhor a cada dia, pois se cada ser humano seguir esses parâmetros, a coletividade prospera juntos. A obra ensina também ao indivíduo não ser individualista, porém aprender e viver coletivamente para o bem de toda a comunidade.

Na obra, *Leona, a filha do silêncio*, destacam-se ainda temáticas de costumes, por sua vez, envolvendo o casamento. O livro também aborda o amor, solidão, tristeza, alegria e resistência. Destaca-se no conto o turbilhão de emoções que perpassam a protagonista, essas representações dialogam com o público leitor ao simbolizar a fase da adolescência, na qual o adolescente está aprendendo sobre seus sentimentos. Além da resistência de Leona, que se recusava a casar com outro pretendente por amar o pastorinho, ela utilizou o silêncio como forma de resistir à decisão do leão de impor seu casamento. Por meio desse ato, podemos

perceber a crítica sutil a prática de casamentos arranjados pelos pais, uma vez que ela não queria pretendentes interessados nas suas riquezas, mas priorizava os sentimentos de amor.

Por fim, na obra, *O pátio das sombras*, são tratados temas, como ancestralidade, morte, vida, respeito e memória. O livro cria uma nova forma de ver a morte, não como fim, mas continuidade por meio da memória.

Destaca-se, a partir da temática desse livro, a importância da memória na cultura moçambicana. O próprio adinkra Sankofa, provérbio africano, o qual significa olhar para o passado, refletir e construir o futuro, reflete esse movimento da memória e possibilita experimentar a vida com base nas lembranças e ensinamentos dos ancestrais, valorizando os que vieram antes e possibilitaram a existência atual.

Dessa forma, as temáticas das obras são riquíssimas ao proporcionar reflexões sobre os valores dos seres humanos, assim como quais qualidades e defeitos são promissores ou ruins para a sociedade de forma geral. Além disso, no decorrer de todas as obras tratam sobre a cultura moçambicana, consideradas como material pedagógico rico ao trabalhar a lei 10.639/2003.

3.9 Ilustração

Do ponto de vista ilustrativo, cada obra é estruturada com uma técnica de ilustração diferente que valorizam Moçambique. A partir disso, destacamos a dedicação e zelo dos organizadores gráficos na composição da coleção, ao incluir a cultura moçambicana em cada detalhe do livro. As ilustrações são desenvolvidas por ilustradores de diferentes regiões do país, como Cabo Delgado e Maputo, as técnicas usadas protagonizam as artes desenvolvida nesses territórios.

A título de exemplo, citamos a Escultura Maconde, ilustrada no livro *O caçador de ossos*, por Emanuel Lipanga. Essa técnica originou-se no grupo étnico bantu da região de Cabo Delgado, nordeste de Moçambique e sudeste da Tanzânia, África. Os desenhos vão além da representação da história, mas expressam a cultura de Moçambique.

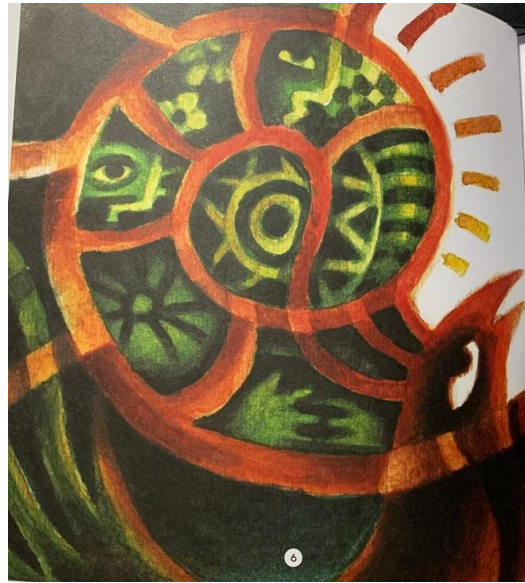


Fonte: SANTOS, Carlos dos. *O caçador de ossos. Esculturas de Emanuel Lipanga*. São Paulo, Kapulana, 2018.

A prática cultural de caçar é muito comum em Moçambique, principalmente, nas regiões do campo, é habitual também a formação de grupos de caças - formados em geral por homens - saírem para a floresta acompanhados dos cães. Diante disso, a ilustração não só dá vida as obras, mas promovem reflexões importantes sobre essas práticas culturais.

As técnicas usadas nas obras da coleção são Aquarela, Nanquim, Batique, Desenho Digital e Escultura Maconde. O livro *Leona, a filha do silêncio*, ganha cores por meio da técnica Aquarela, com sua origem datada há cerca de 2000 anos na China. Por trás das pinceladas no papel branco, a pintura surge dando a sensação de surgir de dentro para fora. Nas pinturas de Aquarela, os pigmentos são diluídos em água ou suspenso sobre o suporte. As cores predominantes no livro são laranja, verde e azul.

Na imagem a seguir, podemos compreender os traços e potencialidades exploradas a partir dos desenhos.



Fonte: PANGUANA, Marcelo. Leona, a filha do silêncio. Ilustração de Luís Cardoso. São Paulo: Editora Kapulana, 2018.

A figura retrata um animal, com o corpo em formato circular, carregado de desenhos que remetem a diferentes expressões de olhos humanos. Em outras partes do desenho, percebe-se as formas de elementos da natureza, como sol e flores. A representação além de contribuir com a imaginação dos leitores, possibilitam reflexões importantes sobre a maneira que devem ser realizados a relação dos seres vivos e a natureza, isto é, de união entre todos circunscritos nesse entrelaço chamado vida.

A técnica utilizada no livro *O pátio das sombras*, chama-se Nanquin, sua origem está datada a cerca de 2 mil a. C. na China. De acordo com as descrições do próprio livro, “Atualmente, as tintas são fabricadas a partir de uma combinação de cânfora, gelatina e um pó de cor escura conhecido como pó de sapato. Ele é uma das variedades mais puras de carvão.” (COUTO, 2018, p. 21). As ilustrações elaboradas por Malanatana são representações da história somado a traços formando várias pessoas contendo diferentes expressões.

Figura 15: Ilustração do livro O pátio das sombras.



Fonte: COUTO, Mía. O pátio das sombras.
Ilustração Malangatana. São Paulo: Editora
Kapulana, 2018.

Essa imagem está presente quando o personagem menino se choca com o pai, a caminho da aldeia, o miúdo pega a pulseira e a avó caminha em sua direção. Na ilustração, podemos observar as formas humanas desenhadas com o pano de fundo branco, fomentando na imaginação dos leitores essa atmosfera do místico, do mundo dos mortos. O livro apresenta apenas duas partes com a cor amarela, as outras páginas são compostas de fundo branco com desenhos nas cores: preta, azul escuro e cinza.

Na obra *O Rei Mocho*, destaca-se o uso da técnica artística do Batik, uma forma de pintura sobre o tecido. No referido livro foi desenvolvida por Americo Amos Mavale, essa técnica apresenta suas origens na Ilha de Java, Indonésia, datada com aproximadamente dois mil anos de existência. Na região de Moçambique o Batik é uma das famosas formas de artes, com algumas alterações das formas originais, como as molduras onde são esticados os tecidos. Na imagem abaixo, podemos observar os valores culturais moçambicanos por meio da ilustração.

Figura 16: Ilustrações do livro O rei Mocho.

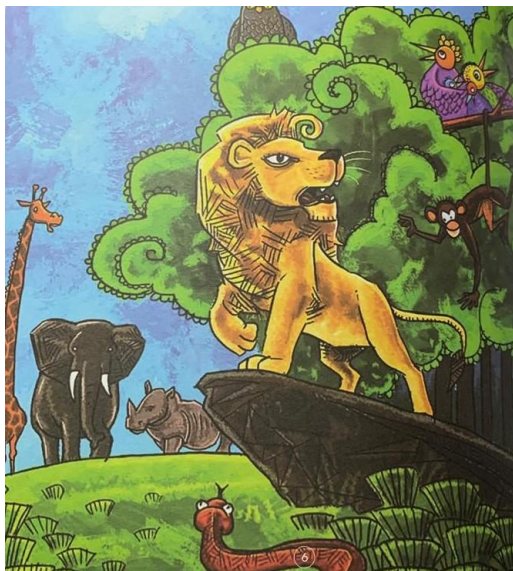


Fonte: KHOSA, Ungulani Ba Ka. O rei mocho. Ilustrações de Americo A. Mavale. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

O livro inicia a história retratando a harmonia dos tempos antigos, nos quais animais, homens e a natureza viviam em paz. Na imagem, é possível observar o baobá, árvore presente no território moçambicano. Em um dos galhos da árvore a representação de um pássaro com a cabeça apontando para o rabo, simboliza o adinkra Sankofa. Além do pote ao lado esquerdo do baobá, chamando atenção para as atividades de artesanato. As reflexões a partir das ilustrações potencializam a história e instigam o interesse por Moçambique.

Por fim, na obra *As armadilhas da floresta*, as ilustrações são constituídas com base no desenho digital, feito por Mauro Leonel Manhiça. Trata-se de uma técnica da atualidade, pois surge a partir de 1972, com a criação do software Superpaint, possibilitando a criação de desenhos no computador com traços mais elaborados. As cores são fortes com destaque para o amarelo, verde, azul e laranja. Na imagem a seguir, podemos constatar a ilustração da página seis:

Figura 17: Ilustrações do livro *As armadilhas da floresta*.



Fonte: FAIFE, Hélder. *As armadilhas da floresta*. Ilustrações de Mauro Manhiça. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.

A técnica de desenho digital atribui ao livro características diferentes das obras anteriores, haja vista vivermos na era da pós-modernidade, na qual as crianças e jovens estão imersos nas mídias digitais e essas ilustrações são semelhantes aos desenhos animados das telas da televisão ou celular. Desse modo, os traços geram essa sensação de segurança porque consiste em algo que faz parte do cotidiano da juventude brasileira. As ilustrações dialogam com a narrativa e são importantes para composição das tensões que acompanham a história.

Assim, as ilustrações da coletânea, compostas por cinco técnicas utilizadas em Moçambique, protagonizam e valorizam a arte, a cultura e esses saberes que são mostrados por meio da Coleção Contos de Moçambique.

Além disso, as técnicas de ilustração dialogam com o título do presente trabalho. As técnicas, concebidas por profissionais moçambicanos, integram a composição artística de Moçambique. Assim, a afirmação de Manuel Rui, “texto falado ouvido visto” pode ser observada não apenas na escrita, mas também no aspecto visual das obras, uma vez que as ilustrações representam as culturas e identidades moçambicanas. É possível interpretar o texto ilustrativo de forma positiva, valorizando essa cultura. Portanto, os livros da coleção são vistos, preservando as tradições e a oralidade.

3.10 Técnica de contação

A literatura infantil moçambicana está fortemente circunscrita no movimento Sankofa, entendida como tecnologia ancestral africana, pertence a um conjunto de simbologias chamadas

Adikras, pertencente ao povo Ashanti, atualmente localizados nos Países de Gana, Burkina Faso e Togo.

O adinkra é simbolicamente representado por um pássaro que possui sua cabeça voltada para a calda, significa aprender com o passado para construir o futuro. (NASCIMENTO, GÁ, 2009, p. 42). Nesse movimento, repleto de ancestralidade, sabedoria e memória, a literatura é construída com foco na oralidade e divulgação dos princípios que foram transmitidos de geração em geração. Nesse sentido, a ferramenta de recontar histórias assemelha-se ao conceito de Sankofa, que consiste em revisitar as narrativas da tradição oral e recontá-las por escrito, promovendo a preservação cultural e possibilitando um futuro para as crianças e jovens baseado nos princípios valorizados em Moçambique.

Assim, as obras apresentam características semelhantes aos contadores de histórias e tradicionalistas presentes no território moçambicano. Destacamos a musicalização antes de iniciar a narrativa, constatada no início do livro *O Rei Mocho*:

-Vamos cantar primeiro à mãe árvore. A protetora dos espíritos.
Zu, zuum, zuum, zuum
Abre-me a porta, mãe árvore! Abre, abre-me a porta!
Quem és tu?
Zu, zuum, zuuum, zuum
Sou eu teu filho, homem, mãe árvore.
Sou eu, teu filho homem!
Que queres, pés compridos?
Zu, zuum, zuuum, zuum
A proteção dos espíritos, mãe árvore.

Do olhar do mocho! [...]. (KHOSA, 2016, p. 07)

Ao pedir proteção antes de iniciar o processo de contação, por meio da música, o livro se aproxima das contações realizadas pelos Domas, chamados também de tradicionalistas, uma das castas diferente dos Dieli/griot que são contadores de histórias. De acordo com A. Hampate Bá (2010), nos estudos sobre a tradição oral africana, antes de falar, o Doma, por deferência, dirige-se aos antepassados para pedir-lhes que venham assisti-lo para que ele não fale palavras inadequadas ou esqueça de algo importante que deveria ser ensinado.

No livro analisado, o pai, responsável pela contação da história, pede proteção ao espírito da mãe árvore contra o olhar do mocho. A musicalização se repete três vezes, sempre antes de retomar a história. Nas outras duas, consta apenas o refrão.

Na obra *Leona, a filha do silêncio*, também aparece música, quando a personagem Leona está tão triste pela partida de seu amor, o pastorinho dos olhos azuis, ela canta a seguinte música:

Borboleta, borboleta
Tu que voas mais alto
Que todas as coisas

Leva-me aonde está o meu amor.
 Borboleta, borboleta
 Leva-me depressa, antes que ele se vá. (PANGUANA, 2018, p. 14)

Nessa narrativa, a musicalização não inicia a história, mas surge como clamor diante de uma necessidade. Logo após esse momento, Leona encontra o bode com chifre de ouro, que, por sua vez, com seus poderes, faz surgir o Pastorinho. Destaca-se, nesse sentido, o uso da música com diferentes finalidades nas obras. Além disso, a presença da música nas histórias constitui uma excelente ferramenta de memorização, e tornando a narrativa mais interessante para os miúdos.

Na obra *O Rei Mochô*, as características das contações de histórias são mais evidentes. O narrador tem interferências na narrativa realizada pelo filho, a partir de comentários e questionamentos. Nesse sentido, as interferências feitas pelo filho se assemelham as interjeições do público no momento das contações de histórias da tradição oral. Essa prática é comum na oralidade, visto que a dinâmica se difere da composição escrita. Nas contações o ouvinte tem papel fundamental nesse processo de criação e recontação.

Além disso, foi possível perceber outra semelhança na forma de contar dos contadores de história. O uso da imitação dos sons, como exemplo, destacamos o fragmento: “Certo dia, e sem razão aparente, os pássaros aproximaram-se dos homens, e naquela maneira simples de se comunicar – pssiu, psiuuu, psiu, pssiuuu -, disseram” (KHOSA, 2016, p. 09). Podemos apontar, a partir do trecho, duas funcionalidades dessa técnica na narrativa, a primeira refere-se à atração da atenção do ouvinte e a segunda, atua no sentido de dinamizar a história.

Os finais das histórias também são semelhantes aos contadores africanos, no sentido de explicar o mundo atual, a partir das narrativas, observáveis no excerto: “É por causa desse ato, filho, que os pesadelos e as insônias são frequentes nos homens [...]”, (p. KHOSA, 2016, 18), “Foi a partir dali que o rato, espertalhão, passou a viver em casa do homem, roendo tudo quanto existe.” (FAIFE, 2016, p. 20). “A partir desse dia, não confiou em mais ninguém e decidiu comer todos os que encontrasse. Por isso, o homem e os animais fogem dele até hoje.” (FAIFE, 2016, p. 21), “E tanto se ultrapassou que até afinou a pontaria e aprendeu a caçar!” (SANTOS, 2018, p. 21). Assim, as formas de finalizar as obras seguem um padrão semelhante as finalizações dos contadores de histórias orais, na perspectiva de entender o mundo a partir das narrativas.

Outra característica do reconto constatada foi a linguagem oralizada em todas as obras do acervo estudado, a título de exemplo destacamos: “E todos bateram palmas. E todos

cantaram. E todos dançaram. Todos! Ao terceiro dia, de madrugada, logo depois do cantar do galo, [...]” (PANGUANA, 2018, p. 17).

Constata-se, no exemplo, a fragmentação da escrita, característica da oralidade, criando essa confluência entre oral e escrito. Além da linguagem conter termos usados no cotidiano moçambicano: “Cada um transportava uma catana ou um machado e o seu arsenal de arcos, flechas e azagaia, devidamente afiadas e temperadas na fogueira à volta da qual dançavam até ao alvorecer [...]” (SANTOS, 2018, p. 09). Os termos moçambicanos enriquecem as obras com essa diversidade linguística e cultural. No final de cada obra são apresentados os significados das palavras utilizadas.

Os autores ao recontarem as histórias realizaram alterações de acordo com a necessidade de cada narrativa. Por exemplo, Mia Couto, autor de *O pátio das sombras*, mudou o final da história e não reproduziu a morte da avó. A partir das reflexões atuais, a morte da avó na versão original reforçava o estereótipo observado, principalmente, nas sociedades rurais, de que as mulheres mais velhas se tornavam feiticeiras. Assim, o reconto retirou a morte da avó para não perpetuar para as futuras gerações esses ideais preconceituosos.

Na obra de Leona, a versão inicial não tinha essa figura de amor verdadeiro, assim, o autor Marcelo Panguana, inclui o personagem do Pastorinho de olhos azuis. A partir disso, constrói na obra outras reflexões, sobre as emoções - tristeza, alegria e solidão-, e das relações de interesse, tendo em vista os pretendentes que queriam conquistar a mão de Leona. Portanto, a arte de recontar é uma ferramenta importante para atualizar as narrativas sobre temáticas e reflexões que movimentam a sociedade.

Nos quadros abaixo, apresentamos a sistematização das recorrências e variáveis das narrativas analisadas, a partir dos elementos analisados.

Tabela 3 Sistematização da análise - O Rei Mocho.

Categorias de análise							
Conto	Narrador	Enredo	Personagens	Espaço	Tempo	Tema	Ilustração
O rei mocho	Terceira pessoa. Narrador onisciente.	Tipo descendente	Pai Filho Mochos Pássaros	Floresta	Cronológico Enunciação linear e fluída (passado e presente)	Verdade Mentira Honestidade Oralidade Escrita. Cultura de Moçambique.	Batique

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Tabela 4 Sistematização da análise – As armadilhas da floresta

Categorias de análise							
Conto	Narrador	Enredo	Personagens	Espaço	Tempo	Tema	Ilustração
As armadilhas da floresta	Terceira pessoa Narrador onisciente	Tipo ascendente	Leão Homem Rato Mulher Filho Animais	Floresta	Cronológico Enunciação linear	Preservação do meio ambiente. Inteligência Liderança Cultura de Moçambique Tolerância	Desenho digital

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Tabela 5 Sistematização da análise – O caçador de ossos

Categorias de análise							
Conto	Narrador	Enredo	Personagens	Espaço	Tempo	Tema	Ilustração
O caçador de ossos	Terceira pessoa Narrador onisciente	Tipo ascendente	Sinaportar Cães Curandeiro Caçadores	Floresta	Cronológico Enunciação linear	Humildade Prática cultura: caça Individualismo Respeito Crescimento pessoal Cultura de Moçambique.	Escultura Maconde

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Tabela 6 Sistematização da análise – Leona, a filha do silêncio

Categorias de análise							
Conto	Narrador	Enredo	Personagens	Espaço	Tempo	Tema	Ilustração
Leona, a filha do silêncio	Terceira pessoa Narrador onisciente	Tipo ascendente	Leona Leão Leoa Bode com chifres de ouro Pastorinho Hiena Zebra Homens Animais	Floresta	Cronológico Enunciação linear	Amor Tristeza Solidão Alegria Casamento Resistência Cultura de Moçambique	Aquarela

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Tabela 7 Sistematização da análise – O pátio das sombras

Categorias de análise							
Conto	Narrador	Enredo	Personagens	Espaço	Tempo	Tema	Ilustração
O pátio das sombras	Terceira pessoa Narrador onisciente	Tipo ascendente	Avó Neto Camponeses O pai do menino	Floresta	Cronológico Enunciação linear	Ancestralidade Vida Morte Memória Respeito Cultura de Moçambique	Nanquim

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

As obras da coleção *Contos de Moçambique* destacam características como a oralidade, os princípios culturais valorizados em Moçambique e a forma de narrar semelhante à dos contadores de histórias tradicionais. Nesse sentido, esses aspectos dialogam com os apontamentos de Manuel Rui (2011) sobre a construção do texto africano. O autor afirma:

O meu texto tem que se manter assim oraturizado e oraturizante. Se eu perco a cosmicidade do rito perco a luta. Ah! Não tinha reparado. Afinal isto é uma luta. E eu não posso retirar do meu texto a arma principal. A identidade. [...] Vou é minar a arma do outro com todos os elementos possíveis do meu texto. Invento outro texto. (RUI, 1997 apud NEGRITUDE E LITERATURA, 2011)

Nos livros da coleção, observa-se um texto oralizado desenvolvido pelos autores moçambicanos, em consonância com as reflexões de Rui, que defende a necessidade de o texto africano manter sua oralidade para reforçar, por meio da escrita, a existência e identidade moçambicana.

Essa manifestação da identidade moçambicana por meio do texto está presente no título desta obra, sobretudo, no trecho “texto falado ouvido visto”. Os autores resgatam nos livros da coleção a tradição oral, como exemplo citamos a linguagem utilizada pelos narradores, com representação de sons, repetição, fragmentação, musicalização e termos locais. Além disso, tratam sobre a ancestralidade moçambicana, o respeito as tradições e as principais práticas culturais que movimenta as sociedades africanas. Assim, os livros são contações de histórias que retratam toda a potencialidade intelectual e criativa dos escritores.

Os textos, nesse contexto, mostram-se como excelentes materiais para as infâncias e juventudes brasileiras, principalmente, no ensino da cultura moçambicana, pois tratam em sua composição estrutural, de ensinamentos valiosos para os seres humanos, visto que abordam elementos temáticos, como respeito, honestidade, crescimento pessoal, memória, entre outros.

Para além das reflexões temáticas, os livros apresentam a cultura moçambicana de forma positiva, com protagonismo, destacando seus princípios e práticas. Dessa forma, são importantes instrumentos para a efetivação da Lei 10.639/2003, com narrativas contadas pelos moçambicanos, protagonizando suas histórias, além de representarem seus corpos e saberes. Em razão disso, são ferramentas fundamentais para compor as bibliotecas públicas do país, as instituições de ensino básico, como também representa uma maneira de potencializar a lei supracitada e construir uma educação afrocentrada e antirracista no Brasil. Para que as crianças e jovens possam crescer aprendendo a respeitar as diferenças e se sintam representadas positivamente na literatura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste trabalho propiciou compreender as especificidades da literatura infantil moçambicana, a partir do estudo de cinco obras da coleção *Contos de Moçambique*. Os objetivos específicos da pesquisa fluíam em entender o percurso dessa literatura: período, autores e obras, bem como compreender a literatura infantil moçambicana no Brasil. Por fim, analisar e sistematizar os elementos estéticos, estruturais e políticos.

Assim, a partir da análise foi possível observar a dimensão da voz narrativa engajada, com narrador onisciente, em terceira pessoa. A maneira de contar das narrativas eram semelhantes aos contadores da tradição oral, nesse sentido, a ferramenta do reconto subsidiou a atualização e continuação de ensinamentos dos valores morais e intelectuais relevantes para crianças, jovens e adultos. Além disso, as temáticas e a linguagem refletiam os valores fundamentais para o bom desenvolvimento das comunidades, criando um elo entre as gerações por meio das histórias.

A análise das obras é um passo importante para que possamos romper com o silenciamento que ainda existe diante da literatura infantil africana, uma vez que permite a divulgação dos valores estéticos (verbais e não-verbais) e sociais que atravessam essa valiosa manifestação literária. O estudo pode também contribuir para orientação dos professores sobre as potencialidades do processo de uso das obras em atividades de leitura na Educação Básica.

O estudo das literaturas africanas é de suma importância para entendimento da história brasileira, uma vez que a construção social foi atravessada pela cultura e saberes dos povos africanos e indígenas. Conhecer esse campo literário possibilitará alterar a lógica racista atual que cria mecanismos sociais e institucionais para inferiorização da população negra e africana.

Além disso, é fundamental para efetivação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura africana na educação básica, tanto nas instituições públicas quanto nas privadas. Por fim, contribuirá para a construção de uma educação afrocentrada e antirracista no sistema educacional brasileiro, ao dar voz a esses autores, saberes e à história dos africanos. Assim, evita-se que as escolas apresentem apenas a perspectiva dos autores brancos. Portanto, torna-se imprescindível a ampliação dos estudos na área da literatura africana, para que essas obras alcancem as escolas públicas e sirvam como base para uma educação afrocentrada, ética e promissora.

É válido destacar, por fim a necessidade de avançarmos muito mais no estudo das produções da literatura infantil de Moçambique, incluindo pesquisa que avancem no acesso as obras publicadas, uma limitação grande temos no Brasil. Há um conjunto grande de obras, mas ainda um acesso muito restrito ao público brasileiro. O aprofundamento destes estudos pode

trazer bons resultados para área de Letras, com destaque para os estudos das literaturas africanas, para os estudos comparados entre as literaturas infantis de língua portuguesa e para os estudos que focalizam o ensino dessas literaturas nas instituições educacionais.

5 REFERÊNCIA

ALI, Momade Amisse. **Bibliotecas públicas e construção da cidadania: desafios no âmbito da sociedade da informação em Moçambique**. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciências da Informação, 2011.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. KI-ZERBO, Joseph (Org.). História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo. Ática/UNESCO, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm.

BARRETO, Edyanna de Oliveira. **A memória viva da palavra a partir da coleção Mama África**. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

COUTO, Mia. **O pátio das sombras**. Ilustração Malangatana. São Paulo: Editora Kapulana, 2018. (Contos de Moçambique)

COUTO, Mia, **O beijo da palavrinha**. Ilustradora Danuta Wojciechowska. Editora Caminho, 2014.

COVANE, Micaela Sílvia Simão Fondo. **Literatura infantil e formação do leitor no Ensino Básico de Moçambique: orientações didáticas em Programas de ensino e nos Livros didáticos da 1ª e 2ª classes**. Marília, 2021.

CRUZ, Clauber Ribeiro. **A coleção de autores africanos da Editora Ática: as literaturas africanas no Brasil**. Assis, 2018.

CRUZ, Clauber Ribeiro. **Na tessitura do tempo: a coleção de autores africanos**. Revista do NERA/UFF, Niterói, v. 12, 2020.

FAIFE, Hélder. **As armadilhas da floresta**. Ilustrações de Mauro Manhiça. São Paulo: Editora Kapulana, 2016. (Contos de Moçambique)

FRANÇA, Luiz Fernando de *et al.* **Por uma Educação Infantil antirracista e afrocentrada: o Projeto Kiriku, as relações raciais nos CEMEI's e o processo construção das Afrotecas em Santarém-Pará**. In: PRESTES, Clélia; FARIAS, Marcio; AMARAL, Marcos (orgs.). **Primeira infância e relações étnico-raciais**. São Paulo: Editora Dandara; Instituto AMMA Psique e Negritude, 2024. p. 110-166.

FRANÇA, Luiz Fernando de. **Uns contos iguais a muitos: histórias africanas, relações de trabalho e estrutura narrativa no contexto colonial angolano e moçambicano (décadas de 1950/60)**. Curitiba: Appris, 2019.

FRANZIN, Adilson Fernando. **O romance moçambicano: história e mito**. Orientador Michel Riaudel. São Paulo, 2021.

GARCIA, Mbiavanga Adão. **Escritas silenciadas: o racismo editorial/sistêmico brasileiro na seleção de autoria africana e suas implicações no ensino e na pesquisa no Brasil**. São Francisco do Cande, 2024.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **O rei mocho**. Ilustrações de Americo A. Mavale. São Paulo: Editora Kapulana, 2016. (Contos de Moçambique)

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidade & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 320p.

LOPES, Pedro Pereira. **Orlando Mendes (1916-1990), um mestre literário esquecido: obituário**. In: O País. Maputo, 2021. Disponível em: <https://opais.co.mz/orlando-mendes-1916-1990-um-mestre-literario-esquecido-obituario/>. Acesso: 01 abr. 2015.

MANJATE, Rogério. **Wazi**. Ilustração Celestino Mudaulane. São Paulo: Kapulana, 2017) (Contos de Moçambique)

NAPIDO, PEDRO MANUEL. **EDUCAÇÃO, POLÍTICA E LITERATURA: APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DA EMERGÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL EM MOÇAMBIQUE**. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. MARINGÁ – PR, 2018.

(NAPIDO, Pedro Manuel. **Literatura Infantil e juvenil em Moçambique: fontes, circulação e consumo**. Caderno Seminal, Rio de Janeiro, n. 43, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/69966>. Acesso em: 20 jun. 2025.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. GA, Luis Carlos. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos = african wisdom symbols = sagesse em symboles africains = sabiduría em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NEVES, Angelina. **A gota de Água faladora**. Coopimagem. Maputo, 2001.

NEGRITUDE E LITERATURA. Manuel Rui: **Eu e o Outro, o Invasor, ou, em poucas três linhas, uma maneira de pensar o texto**. Negritude e Literatura, 4 jan. 2011. Disponível em: <https://negritudeeliteratura.blogspot.com/2011/01/manuel-rui-eu-e-o-outro-o-invasor-ou-em.html>. Acesso em: 10 jun. 2025.

NETO, Leônidas. FERREIRA, Silvia. **Sueli Carneiro. Caderno Intelectualidades Negras Brasileiras**. Edição Feminismo 1. Revista África e Africanidades, 2023.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil no Brasil e em Moçambique (2000-2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes**. João Pessoa, 2010.

PADILHA, Laura Cavalcante. **O Ensino e a Crítica das Literaturas Africanas no Brasil: um caso de neocolonidade e enfrentamento**. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 1, Num. 1, 2010.

PANGUANA, Marcelo. **Leona, a filha do silêncio**. Ilustrações de Luís Cardoso. São Paulo: Editora Kapulana, 2018. (Coleção Contos de Moçambique)

PAZ, Demétrio Alves. **Literatura infanto-juvenil africana no Brasil: um levantamento bibliográfico**. Terra roxa e outras terras – Revista de estudos literários, v. 33, 2017.

PEREIRA, Márcio Roberto. Cruz, Clauber Ribeiro. **A presença das literaturas africanas no Brasil: a formação de um projeto literário**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 2017.

ROSARIO, Lourenço Joaquim da Costa. **A narrativa africana de expressão oral: transcrita em português**. Instituto de cultura e Língua Portuguesa, Angola, 1989.

RUI, Manuel. **Eu e o outro – o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. Comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra.** São Paulo, Brasil, 1985.

SANTOS, Carlos dos. **O caçador de ossos.** Esculturas de Emanuel Lipanga. São Paulo, Kapulana, 2018. (Contos de Moçambique)

SOUSA, Josencida Mendes E. **Trajetórias das literaturas africanas no Brasil: pensando a questão editorial.** Inventário da UFBA, Bahia, v.1, 2011.

TIMÓTEO, Adelino. **Na aldeia dos crocodilos.** Ilustrações Silva Dunduro. São Paulo: Kapulana, 2018. (Contos de Moçambique)

Anexo A – Quadro de autores e obras moçambicanas

Ord	Autor	Ilustrador	Título	Local	Editora	Data	Pág
1	INLD	DNPP	<i>O continuad or e a revolução</i>	Maputo	INLD	1978	31
2	INLD	INLD	<i>O coelho e o macaco e outros contos</i>	Maputo	INLD	1978	30
3	S. Mijalkov; adap. João Fonseca Amaral	Maria Senzane	<i>Como todos juntos salvaram cabritinho</i>	Maputo	INLD	1979	
4	INLD	Njingiritane1: jogos, contos, adivinhas, passatempos, construções, labirintos, trabalhos manuais, banda desenhada e brinquedos		Maputo	INLD	1979	
5	Álvaro Belo Marques	DNPP	<i>Gala-gala Bisnaga</i>	Maputo	INLD	1979	31
6	Nena Valdez Recio; adap. João Fonseca Amaral	Maria Senzane	<i>O Senhor abutre</i>	Maputo	INLD	1979	16

7	Nena Valdez Recio. adap. João Fonseca Amaral	Maria Senzane	<i>A formiga Cláudia</i>	Maputo	INLD	1979	16
8	INLD	INLD	<i>Puzzle: jogos</i>	Maputo	INLD	1979	12
9	Orlando Mendes	Bernndt Moosman n	<i>Papá operário mais seis histórias</i>	Maputo	INLD	1980	47
10	Crianças moçambicanas	Crianças moçambicanas	<i>Nós vivemos a independência</i>	Maputo	INLD	1980	31
11	G. Borgore	N. Coquatrix	<i>Os animais querem um rei</i>	Maputo	INLD	1980	16
12	Angelina N. Oliveira	<i>O avaro e outros contos</i>	Maputo		INLD	1980	18
13	Isabel Martins	Ernesto Abel	<i>A cobra cuspidreira e o sapo</i>	Maputo	INLD	1980	15
14	Isabel Martins	Ernesto Abel	<i>O coelho e a onça</i>	Maputo	INLD	1980	19
15	D. Delafosse	Nguyen Ngoc My	<i>Eloa e o peixe</i>	Maputo	INLD	1980	16
16	D. Delafosse	N. Coquatrix	<i>Oumba e o pirilampo</i>	Maputo	INLD	1980	16
17	G. Effimbra	N. Coquatrix	<i>Mariam e a papaia</i>	Maputo	INLD	1980	16
18	P. Dargelos	E. Stocky	<i>O pequeno crocodilo</i>	Maputo	INLD	1980	16
19	INLD	INLD	<i>O coelho e o macaco e outros contos</i>	Maputo	INLD	1981	30

20	Vários	Escritos e desenhos de crianças moçambicanas	<i>Trabalho é riqueza</i>	Maputo	INLD	1981	31
21	Ministério da Agricultura	<i>Uma aventura maravilhosas</i>	Maputo		INLD	1981	41
22	Álvaro Belo Marques	Ernesto Neto	<i>O pirilampo e o grilo</i>	Maputo	INLD	1981	19
23	Nurmahomed Norgy; Paulo Sérgio	Ernesto Neto	<i>O conto da tartaruga</i>	Maputo	INLD	1981	19
24	Nurmahomed Norgy; Paulo Sérgio	Ernesto Abel	<i>Dorinha</i>	Maputo	INLD	1981	16
25	Isabel Martins	Roberto Chichorro	<i>Era uma vez um saxofonista</i>	Maputo	INLD	1982	11
26	D. Delafosse	E. Stocky	<i>Ali e seus amigos</i>	Maputo	INLD	1982	16
27	Xavier Munazi	Xavier Munazi	<i>O pequeno ananaseiro, o grande cajueiro e o gigante coqueiro</i>	Maputo	Editora Escolar	1992	23
28	N. Py	N. Coquatrix	<i>A galinha do mato</i>	Maputo	INLD	1982	16
29	J. Villain	E. Stocky	<i>As pequenas panteras</i>	Maputo	INLD	1982	16
30	R. Fadiga	D. Marteau	<i>Sama, o elefante branco</i>	Maputo	INLD	1982	16
31	INLD	INLD	<i>Os três macaquinhos e o calau</i>	Maputo	INLD	1982	16
32	Amélia Muge	Amélia Muge	<i>Viagem ao meio das nuvens</i>	Maputo	INLD	1983	32

33	Ricardo Cambula	Maria Senzani	<i>O gato bravo e o macaco: o coelho salteador</i>	Maputo	INLD	1985	21
34	João Arnaldo; Paulo Sérgio	Maria Senzani	<i>Os animais buscam água</i>	Maputo	INLD	1985	22
35	Vipino Chandulal	Jorge Ferreira	<i>Brocas</i>	Maputo	INLD	1986	15
36	Andrea Bruno	Abdul Ismael	<i>Uma sabiazinha e outros contos</i>	Maputo	INLD	1986	30
37	Orlando Mendes	Jorge Ferreira	<i>O Menino que não crescia</i>	Maputo	INLD	1986	22
-	-	-	-	-	-	1987	-
-	-	-	-	-	-	1988	-
-	-	-	-	-	-	1989	-
-	-	-	-	-	-	1990	-
38	Alberto da Barca	Alberto da Barca	<i>O discurso do senhor lápis</i>	Maputo	Editora Escolar	1991	15
39	Alberto da Barca	Alberto da Barca	<i>Carta aberta aos grandes</i>	Maputo	Editora Escolar	1991	16
40	Alberto da Barca	Alberto da Barca	<i>O Capitão Zhua</i>	Maputo	Editora Escolar	1991	16
41	Maria da Graça Cruz (Adapt.)	Lázaro Tembe	<i>O pinheirinho vaidoso</i>	Maputo	DAISEAS	1991	12
42	Maria da Graça Cruz	Angelina Neves	<i>Preta ou branca?</i>	Maputo	DAISEAS	1991	19
43	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>As árvores são nossas amigas</i>	Maputo	DAISEAS	1991	8
44	Angelina Neves	Ana Angri	<i>O segredo das vassouras</i>	Maputo	SEAS	1991	20
45	Manuel Retxua; Amira Ussene; Etelvina da Cunha	Angelina Neves	<i>3 contos</i>	Maputo	MISAU	1991	19

46	Humberto Ossemane	<i>João e os passarinhos</i>	Maputo		DAISEAS	1991	13
47	Mambo Djóngwé	Mambo Djóngwé	<i>Pesadelo na capoeira</i>	Maputo	Editora Escolar	1992	16
48	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Nós todos somos diferentes: a minha irmã é atrasada</i>	Maputo	DNASSEAS	1992	12
49	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Nós todos somos diferentes: eu sou cega</i>	Maputo	DNASSEAS	1992	16
50	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Nós todos somos diferentes: eu sou surdo</i>	Maputo	DNASSEAS	1992	15
51	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Nós todos somos diferentes: eu tenho paralisia cerebral</i>	Maputo	DNASSEAS	1992	12
52	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Nós todos somos diferentes: nós somos meninas</i>	Maputo	DNASSEAS	1992	16
53	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Nós todos somos diferentes: nós somos rapazes</i>	Maputo	DNASSEAS	1992	15
54	Mambo Djóngwé	Mambo Djóngwé	<i>Um mosquito no tribunal</i>	Maputo	DINAME	1992	23
55	Sunderlal Xacuntulá Bahugunar	Sílvia Bragança	<i>Pinta, canta e desenha</i>	Maputo	Editora Escolar	1992	30
56	Xavier Munazi	Xavier Munazi	<i>As Férias da Luípa</i>	Maputo	Editora Escolar	1992	16
57	Xavier Munazi	<i>Mini dicionário infantil: série animais e aves, I</i>	Maputo		Editora Escolar	1993	27

58	Xavier Munazi	<i>Mini dicionário infantil: série vegetais, frutos, legumes, etc</i>	Maputo		Editora Escolar	1993	72
59	Vários	José Tomás	<i>Dazanana e outros contos</i>	Maputo	DINAME	1993	40
60	Magali Serrano; Ziraldo Pinto	Ziraldo Pinto e Magali Serrano	<i>O homem e os macacos: uma lenda moçambicana</i>	Maputo	UNICEF	1993	18
61	Aly Hamzate Hamido	Ap. Maria Estela Teixeira	<i>O casco partido</i>	Maputo	UNICEF	1993	18
62	Ministério da Agricultura	Filimão Pene; Paulo Neves	<i>Amor às árvores e outros contos</i>	Maputo	Editora Escolar	1993	29
63	Humberto Ossemane	Sérgio A. Boene	<i>Histórias dos sítios sentinelas nº 1</i>	Maputo	UNICEF	1993	20
64	Flávio J. Banze; Crisóstomo Z. Uamusse	Flávio J. Banze; Crisóstomo Z. Uamusse	<i>Zé Caju</i>	Maputo	UNICEF	1993	16
65	Maria da Graça Cruz (adap.)	Lázaro Tembe	<i>O xirico “pouca coisa”</i>	Maputo	UNICEF	1993	17
66	João Kuimba	<i>Vamos conhecer as cores</i>	Maputo		Editora Escolar	1993	31
67	João Kuimba	<i>Vamos ler, escrever e contar</i>	Maputo		Editora Escolar	1993	23
68	Domingos Macuvele	Angelina Neves	<i>O bairro do Alcino</i>	Maputo	UNICEF	1993	11
69	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>O meu gatinho</i>	Maputo	UNICEF	1993	23
70	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>O macaquinho o zangado</i>	Maputo	CVM	1993	16
71	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>O cão e o gato</i>	Maputo	UNICEF	1993	26

72	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Os 3 amigos</i>	Maputo	UNICEF	1993	12
73	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>A banana vaidosa</i>	Maputo	UNICEF	1983	16
74	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Eu queria ser azul</i>	Maputo	UNICEF	1993	10
75	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Eu sou a Joana</i>	Maputo	UNICEF	1993	29
76	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Eu e o piloto</i>	Maputo	UNICEF	1993	19
77	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>A união faz a força: 3 contos tradicionais</i>	Maputo	UNICEF	1993	19
78	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Dino e a velha feiticeira</i>	Maputo	UNICEF	1994	15
79	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>A gota da água faladora</i>	Maputo	UNICEF	1994	23
80	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Uma viagem ao futuro</i>	Maputo	UNICEF	1994	24
81	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Jorge e os meninos tristes</i>	Maputo	UNICEF	1994	12
82	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Boa noite</i>	Maputo	UNICEF	1994	24
83	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Vem aí o bebé</i>	Maputo	UNICEF/MI SAU	1994	30
84	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>O nosso bebé</i>	Maputo	UNICEF/MI SAU	1994	28
85	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>As prendas</i>	Maputo	UNICEF	1994	8
86	Umberto Ossemane	Umberto Ossemane	<i>O barbeiro</i>	Maputo	UNICEF	1994	12
87	Umberto Ossemane	Umberto Ossemane	<i>Os dentes do Ricardo e do Zé</i>	Maputo	UNICEF	1994	9
88	Umberto Ossemane	Umberto Ossemane	<i>O cozinheiro</i>	Maputo	UNICEF	1994	13
89	Umberto Ossemane	Umberto Ossemane	<i>Chanike e o banho</i>	Maputo	UNICEF	1994	15
90	Umberto Ossemane	Umberto Ossemane	<i>Tonicorga nização</i>	Maputo	UNICEF	1994	16
91	Maura Catorze	Angelina Neves	<i>Se fosse pássaro</i>	Maputo	UNICEF	1994	9
92	Maura Catorze	Angelina Neves	<i>A partir de uma flor</i>	Maputo	UNICEF	1994	11

93	Maura Catorze	Angelina Neves	<i>O tapete mágico</i>	Maputo	UNICEF	1994	12
94	Afonso Benfica; Ana Magaia; Angeles Herrera	<i>Como todos podemos ser amigos: Contos e exercícios à volta da história O Coelho e o Cágado</i>	Maputo	UNICEF/ MINED	1994	26	
95	Afonso Benfica; Ana Magaia; Angeles Herrera	<i>Vamos voltar a brincar: manual à volta das brincadeir as: para professore s, animadore s e quem mais gosta de brincar com crianças</i>	Maputo	UNICEF	1994	41	
96	Mário Almeida Lemos	<i>Pedro e o gigante</i>	Maputo	UNICEF	1994	13	

97	João Kuimba	<i>Caderno de caligrafia</i>	Maputo		Editora Escolar	1994	48
98	Domingos Macuvele	Angelina Neves	<i>Jorge e os meninos tristes</i>	Maputo	UNICEF	1994	12
99	Orlando Mendes	Razac Hilário Chame	<i>A garrafa que veio do mar e outros contos</i>	Maputo	Editora Escolar	1995	47
100	Orlando Mendes	Razac Hilário Chame	<i>Telefonem as a calhar: e outros contos</i>	Maputo	Editora Escolar	1995	56
101	Xavier Munazi	<i>As férias de Luípa</i>	Maputo		Editora Escolar	1995	16
102	Coutinho Zitha; Angelina Neves	Umberto Ossemame	<i>Tu e a rádio: sugestões para fazer o teu programa</i>	Maputo	Rádio/ UNICEF	1995	24
103	Alberto da Barca	Razac Hilário Cheme	<i>As orelhas do coelho</i>	Maputo	INLD	1995	32
104	Alberto Nipepe	Angelina Neves (adap.)	<i>O concurso da princesa</i>	Maputo	Coopimage m	1995	23

105	Pedro João; Mussá Jalafi Chongo; Félix Lali Apococha	Angelina Neves (adap.)	<i>As crianças, o céu e a terra</i>	Maputo	Coopimage m	1995	24
106	João Antoninh o; Benjamim Monteiro N’lober;	Angelina Neves (adap); Humberto Ossemane (il.)	<i>Samihana e outros contos</i>	Maputo	Coopimage m	1995	23
107	João Kuimba	<i>Moçambic anos: quem são?</i>	Maputo		Editora Escolar	1995	24
108	João Kuimba	<i>Moçambiq ue: é um jardim</i>	Maputo		Editora Escolar	1995	15
109	João Kuimba	<i>Moçambiq ue: nosso país</i>	Maputo		Editora Escolar	1995	16
110	João Kuimba	<i>Moçambiq ue: o que é?</i>	Maputo		Editora Escolar	1995	32
111	João Kuimba	<i>Moçambiq ue: ontem, hoje e amanha</i>	Maputo		Editora Escolar	1995	24
112	João Kuimba	<i>O Zito, a Rita, a cebola e a papaia</i>	Maputo		Editora Escolar	1995	16

113	Alberto da Barca	Razac Hilário Chame	<i>O rei da savana</i>	Maputo	Editora Escolar	1995	30
114	Alberto da Barca	Razac Hilário Chame	<i>A tromba do elefante</i>	Maputo	Editora Escolar	1995	40
115	Albero da Barca; Miguel Passo	Razac Chame	<i>O coelho e o elefante - Sulo na Ndzon</i>	Maputo	DINAME	1996	23
116	Alberto da Barca; Pedro Afido	Razac Chame	<i>O coelho e o leão - Mwatto ni Namaroko lo</i>	Maputo	DINAME	1996	24
117	Angelina Neves	<i>Os coelhos e os cágados</i>	Maputo		Coopimage m	1996	24
118	Angelina Neves	Angelina Neves	<i>Dona vassoura e dona poeira</i>	Maputo	Coopimage m	1996	15
119	Angelina Neves	Razac Hilário Chame; Umberto Ossemene; Sérgio Boene	<i>Viagens com a cabeça mágica: 1. Chai</i>	Maputo	Coopimage m	1996	32
120	Armando B. Miguel	<i>Kaka em humildade aparente</i>	Maputo		Coopimage m	1996	24

121	Betuel Chionisse	<i>O piloto e o osso e o coelho e o macaco</i>	Maputo	Coopimage m	1996	25	
122	Mário Almeida Lemos	<i>O macaco malvado</i>	Maputo	Coopimage m	1996	20	
123	Salvador Boaventur a	<i>O macaco salta- ramos e o peixe mergulhad or</i>	Maputo	Paulinas	1996	24	
124	Angelina Neves	Razac Hilário Chame; Umberto Ossemane	<i>Viagens com a cabeça mágica: 2. Inhamban e</i>	Maputo	Coopimage m	1997	32
125	Armando Fonseca	Armando Fonseca	<i>A vida não é uma brincadeir a</i>	Maputo	DINAME	1998	19
126	Chocate Hamido		<i>O canto do milhafre</i>	Maputo	Ndjira	1999	
127	Chocate Hamido		<i>A mulher e a hiena</i>	Maputo	Ndjira	1999	
128	Felizmina Walters	Chocate Hamido	<i>O cágado e o pombo</i>	Maputo	Ndjira	2000	26
129	Felizmina Walters	Chocate Hamidos	<i>O galo e o milhafre</i>	Maputo	Ndjira	2000	26

130	Mia Couto	Danuta Wojciechowska	<i>O gato e o escuro</i>	Lisboa	Editora Caminho, SA	2001	25
-	-	-	-	-	-	2002	-
131	Tellé Aguiar	Moçambique Editores	<i>O cachorro perdido e outros contos</i>	Maputo	FBLP	2003	48
132	Chiwanga Matavele	<i>O caso do galo figurão</i>	Maputo	FUNDAC	2004	24	
133	Joaquim Matavel; Angelina Neves	Joaquim Matavel	<i>Com a vovó Laura à roda da fogueira</i>	Maputo	Coopimag em	2004	
134	Lourenço do Rosário	Omaia Panachand	<i>Dia de festa</i>	Maputo	Moçambique Editores	2005	
135	Lourenço do Rosário	Imídio Mahumana	<i>Ano de sol</i>	Maputo	Moçambique Editores	2005	25
136	Maria Vitória Pereira	Omaia Panachand	<i>A borboleta do arco-iris</i>	Maputo	Moçambique Editora	2005	23
137	Luísa Salomão Manhique	Danilo Manjate	<i>A estória dos pombos mágicos</i>	Maputo	Moçambique Editores	2005	32
138	Sophia Beal	Humberto Ossemane	<i>A aldeia do monstro</i>	Maputo	Ndjira	2006	
139	Benjamim Pedro João Xipalapala	Sérgio Tique	<i>O menino que girava o mundo</i>	Maputo	Imprensa universitária	2006	39
140	Mia Couto	Malangatana	<i>O beijo da palavrinha</i>	Rio de Janeiro	Língua Geral	2006	-
141	Ângelo Cruz	<i>Divirta-te ... E aprende um pouco (antologia de adivinhas, anedotas, provérbios, curiosidades, charadas e fábulas)</i>		Maputo	FUNDAC	2006	
142	José Bione Carquete; Bento	Moisés Utuji	<i>Maria Daniela e</i>	Maputo	Texto Editores	2007	64

	António Martins e Kayola Edmara da Barca Vieira		<i>outros contos</i>				
143	Armanuss o Abdula	Luís Cardoso	<i>O baile na floresta</i>	Maputo	Ndjira	2007	16
144	Alberto Viegas	Moisés Utuji	<i>O que dizem certos animais</i>	Maputo	Ndjira	2008	103
145	Elis Locia Mavie; Susana Dili Tembe; Filomena de Jesus Nhaulaho	Moisés Utui	<i>Nhelete, minha prostituta amada</i>	Maputo	Texto Editores	2008	30
146	Carlos dos Santos	Helder Sutia	<i>Os frutos da amizade</i>	Maputo	Plural Editores	2008	24
147	Miguel Ouana	Helder Sutia	<i>A cor da água</i>	Maputo	Plural Editores	2009	
148	Onestaldo Gonçalves	Belmiro Fernando	<i>Lúpi, o leãozinho da Nini</i>	Maputo	Texto Editores	2009	48
149	Onestaldo Gonçalves	Danilo Manjate	<i>Zizi- a gata assassina</i>	Maputo	Texto Editores	2009	32
150	Felizmina W. Velho	Lurdes Faife	<i>O arpaz e a feiticeira lagarta</i>	Maputo	Promédia	2009	32
151	Catarina Folhadela; Eduarda Freitas	Sara Quaresma Capitão	<i>O ataque do rei mosquito</i>	Maputo	Texto Editor	2009	31
152	Armingo Ngunga	Moisés Utuji	<i>As coisas daqui são para todos</i>	Maputo	Associação Progresso	2009	15
153	Mia Couto	Malangata na	<i>O pátio das sombras</i>	Maputo	EPM - CELP	2009	30
154	Marcelo Ponguana	Luís Cardoso	<i>Leona, a filha do silêncio</i>	Maputo	EPM - CELP	2010	30
155	Guilherme Vicente cuna; Ângelo Araujo;	Manuel I. Zandamela	<i>Nkaringan a wa nkaringan a – Era uma vez</i>	Maputo	Texto Editora	2010	287

	Benito Ernesto; Pedro Manuel Manjacaze ; Rosinha Daniel Chauque		(Edição bilingue)				
156	Onestaldo Gonçalves	Zonito Chiwanga	<i>O naufrágio do veleiro</i>	Maputo	Texto Editores	2010	32
157	Onestaldo Gonçalves	Danilo Manjate	<i>A gata assassina</i>	Maputo	Texto Editores	2010	32
158	Cláudia Bonnet Arvelos; Magda Bonnet Arvelos; Mariza Bonnet Arvelos	Imídio Mahuman e	<i>As aventuras do cajuzinho</i>	Maputo	Texto Editores	2010	
159	Carlos dos Santos	Moisés Utui	<i>O conselho</i>	Maputo	Texto Editores	2010	32
160	Carlos dos Santos	Helder Sutia	<i>As cores da amizade</i>	Maputo	Plural Editores	2010	24
161	Mia Couto	Malangata na Valente	<i>El jardí les ombres</i>	França	Editorial Proteus	2010	30
162	Rogério Manjate	Celestino Mudaulane	<i>Wazi</i>	Maputo	EPM - CELP	2011	43
163	Joana Xavier	Helder Sutia	<i>Um aluno brincalhão</i>	Maputo	Plural Editores	2011	16
164	Machado da Graça	Lurdes Faife	<i>Os gêmeos e a feiticeira</i>	Maputo	Edições Promédia	2011	32
165	Machado da Graça	Lurdes Faife	<i>Os gêmeos e os raptos</i>	Maputo	Edições Promédia	2011	32
166	Machado da Graça	Lurdes Faife	<i>Os gêmeos e os caçadores furtivos</i>	Maputo	Edições Promédia	2011	32
167	Machado da Graça	Lurdes Faife	<i>Os gêmeos e as queimadas descontroladas</i>	Maputo	Edições Promédia	2011	32
168	Machado da Graça	Lurdes Faife	<i>Os gêmeos e os ladrões de gado</i>	Maputo	Edições Promédia	2011	32

169	Lucílio Manjate	<i>O contador de palavras</i>		Maputo	Alcance Editores	2011	
170	Alex Dau	<i>Heróis de palmo e meio</i>		Maputo	Alcance Editores	2011	63
171	Carlos dos Santos	Moisés Utuji	<i>O pastor de ondas (romance)</i>	Maputo	Alcance Editores	2011	95
172	Carlos dos Santos	Helder Sutia	<i>Vitapikana nkati Muumboti</i>	Maputo	Plural Editores	2012	24
173	Carlos dos Santos	Helder Sutia	<i>Um passeio pelo céu</i>	Maputo	Plural Editores	2012	24
174	Ungulani Ba Ka Khosa	Américo Amos Mavale	<i>O rei mocho</i>	Maputo	EPM - CELP	2012	29
175	Tatiana Pinto	Tomás Muchanga ; Luís Cardoso	<i>A viagem</i>	Maputo	EPM - CELP	2012	38
176	Miguel Ouana	Helder Sutia	<i>O sol, a lua e o mar</i>	Maputo	Plural Editores	2012	24
177	Pedro Pereira Lopes	Moisés de Utuji	<i>O homem de 7 cabelos</i>	Maputo	Alcance Editores	2012	24
178	Pedro Pereira Lopes	Walter Zand	<i>Kanova e o segredo da coveira</i>	Maputo	EPM - CELP	2013	30
179	Assane Jarafe; Ermelinda Higino Dade	Zacarias Chemane	<i>As aventuras dos animais: histórias tradicionais Kimwani</i>	Maputo	Associação Progresso	2013	43
180	Onestaldo Fontes Gonçalves	<i>Estórias à volta da fogueira</i>		Maputo	Alcance Editores	2013	96
181	Adelino Timóteo	Silva Dunduro	<i>Na aldeia dos crocodilos</i>	Maputo	EPM-CELP	2013	30
182	Carlos dos Santos	Mauro Manhiça	<i>O mundo e mais eu</i>	Maputo	Plural Editores	2013	24
183	Carlos dos Santos	Emanuel Lipanga	<i>O caçador de ossos</i>	Maputo	EPM - CELP	2013	30
184	Mia Couto	Danuta Wojciechowska	<i>O menino no sapatinho</i>	Lisboa	Editorial caminho	2013	30

185	Onestaldo Fontes Gonçalves	<i>Estórias à volta da fogueira</i>	Maputo	Alcance Editores	2013	95	
186	Guilherme Ismael	Lourdes Senda	<i>Capitão Golfo</i>	Maputo	EPM - CELP	2014	32
187	Helder Faife	Mauro Manhiça	<i>As armadilha s da floresta</i>	Maputo	EPM – CELP	2014	30
188	Alexandre Dunduro	Orlando Mondlane	<i>O casamento misterioso de Mwidja</i>	Maputo	EPM – CELP	2014	30
189	Rafo Dias	Rafo Dias	<i>O mar de Maputo; Lwandle ra Kamaputs o; Tlhe Maputo sea</i>	Maputo	Alcance Editores	2014	31
190	Jorge Nhaca; António Cabrita; Gianfranc o Gandolfo	Maria da Luz Prata Dias	<i>Contos e gravuras do sul de Moçambiq ue</i>	Maputo	Kapicua	2014	91
191	Luís Carlos Patraquim	Ivone Ralha	<i>A Gala- gala cantor</i>	Maputo	Alcance Editores	2014	45
192	Luís Carlos Patraquim	Regina de Carvalho	<i>O coelho que falava latim</i>	Maputo	Alcance Editores	2014	32
193	José Guedes	Carla Mourão	<i>Selva molhada: pequenas histórias de um menino mar</i>	Maputo	Estratégias criativas junior	2014	
194	Carlos dos Santos	Mauro Manhiça	<i>Os bichinhos da curiosidad e</i>	Maputo	Plural Editores	2014	24
195	Rafo Dias	Rafo Dias	<i>Nheleti, a filha das estrelas</i>	Maputo	EPM-CELP	2015	20
196	Carlos dos Santos	Luís G. Cardoso	<i>O passeio das espécies</i>	Maputo	Plural Editores	2015	22

197	C. C. Cossa	Mauro Manhiça	<i>Estórias sobre a origem de quem come quem</i>	Maputo	PAWA	2015	50
198	Fátima Langa	Helder Sutia	<i>O galo e o coelho; Muthupi ni namarokol o</i>	Maputo	EMUJOMO	2015	48
199	Fátima Langa	Cassamo Mussagy Moiane	<i>A gazela, o carneiro e o coelho; Mmala, Ngandolo namu Shingula</i>	Maputo	EMUJOMO	2015	
200	Margarida Abrantes	Meninos da Escola Primária 3 de Fevereiro; Dany	<i>O sonho da menina</i>	Maputo	EPM-CELP	2015	24